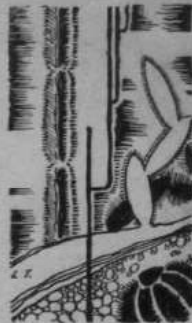




# VARDIENSIS



"São os do Norte que vêm..."

## Do Teatro e da Sociologia

### Aderbal Jurema

SEI ser tarefa por demais inglória e cheia de surpresas, tentar fazer comentários em torno de conferências que não foram previamente escritas para serem ditas. E o que aconteceu com a que pronunciou o prof. Josué de Castro, em junho passado, na Faculdade de Direito do Recife.

Antes, porém de me ocupar da conferência do autor de "Geografia da Fome", — que durante mais de uma hora, a pretexto de explicar os fundamentos biológicos da civilização brasileira, o que fez foi atacar a obra do sociólogo contemporâneo, Gilberto Freyre —, quero assinalar uma outra conferência que, graças aos misteriosos desígnios do destino, me pareceu ser uma espécie de preparação psicológica para a próxima que se sucederia. Vitima, sem dúvida, desses providenciais e misteriosos desígnios, quando os jornais noticiaram que o diretor do "Teatro Anchieta" iria lançar um "manifesto de arte ao país" do vestuário malho nobre da Faculdade de Direito do Recife, tomei nota do dia e da hora para não perder o espetáculo extra com que o ator Renato Viana brindaria à sociedade recifense.

Na noite de gala para o sr. Renato Viana e um tanto melancólica para o glorioso passado da Faculdade, lá estava eu, firme, ouvindo, ou melhor direi, saboreando a mímica do rocambolesco encenador de "Crime e Castigo" para uma platéia viva e saudável como é a dos estudantes do Recife. E se ressaltou mais a mímica do sr. Renato Viana, é porque os seus gestos eram mais perceptíveis do que as suas palavras. O "Manifesto de arte teatral" que lançou ao país bem que poderia ter sido feito em imagens cinematográficas. Nem no palco ficaria bem, pois o verbo foi completamente ofuscado pelo talento dramático do ator. A medida que, em historiando a sua *via-crucis* artística, exaltando, um a um, os seus cabelos brancos, o jogo de fisionomia tornava-se tão demonicamente interessante que não me foi possível gravar do "manifesto de arte" senão a sua decidida vocação para a caricatura teatral.

Ainda sob a forte impressão do espetáculo artístico do sr. Renato Viana, assisti, nesse mês de junho, naquele mesmo vestuário malho, a conferência do prof. Josué de Castro, subordinada ao tema: "Fundamentos biológicos da civilização brasileira".

Enquanto que o sr. Renato Viana, artista profissional de longo trincoio pelas ribaltas brasileiras, levou escrito o seu "manifesto de arte", o prof. Josué de Castro, em quem eu nunca suspeitara tão pronunciadas qualidades de "virtuoso" da arte cênica, falou desembaradamente, socorrendo-se apenas de um papulho-esquema que nos dava a impressão de estar fazendo as vezes de "ponto".

Para um público de primeira classe, o autor de "Geografia da fome" discorreu, com admirável loquacidade, sobre o importante

tema de sua conferência, citando de-cór principalmente dois ou três escritores presentes à sua palestra. Servindo-se de uma nova técnica de fazer conferências científicas sem ser escritas, o prof. Josué de Castro chegou a eletrizar os espectadores quando começou a demonstrar, — com o auxílio da palavra fácil animada pela mímica das mãos que, por vezes, eram ajudadas pelas voltas do corpo —, que toda sociologia brasileira não tinha bases científicas. Deu, nesta altura, uns passos para a direita, outros tantos para a esquerda, e lançou olímpicamente, tanto quanto pôde ser olímpico um nutricionista mestiço, a sua sentença: — não se pôde levar a sério essa sociologia pitoresca. —

Como bom ator, o sr. Josué de Castro, durante o discurso sempre animado pelos requiebros de corpo e jogo adequado das mãos, não mencionou, nem uma só vez, o nome dos autores, isto é, dos escritores da sociologia pitoresca. Estava, aliás, no seu papel. Nunca vi uma interpretação tão boa daquela página do

citou abundantemente o sr. Gilberto Freyre, apoiando seu raciocínio justamente na palavra escrita daquele que é, na conferência falada da Faculdade de Direito, investiu de sociólogo do pitoresco. Estranha inversão essa de um cientista que se baseia em livro numa sociologia pitoresca e, numa conferência que não escreveu, ataca o autor que lhe abriu os olhos para a orientação de seus escritos e que, ainda mais, lhe serviu de base primeira para estudar a história brasileira sob o ponto de vista da biologia social.

De qualquer maneira já é tempo de abrir os olhos dos intelectuais mais novos e, principalmente, da juventude de nossas escolas superiores contra os homens que abusam da habilidade de coligar dados científicos para se apresentarem como cientistas provetos. E é bom que parta do Recife, daqui mesmo desta cidade de intelectuais pobres, mas sérios, o grito de reprovação contra os que, ainda ontem vivendo em nosso meio, depois de prolongada ausência na metropole, voltam a pressa-

chimpanzés novos. Embora seja de capital importância, como assinala Spengler, a diferença entre a técnica humana, variável e pessoal, da animal — invariável e impessoal —, a experiência do dr. Wolfe — onde "chimpanzés aprenderam não só a inserir fichas, mas a distinguir entre fichas de tamanhos e cores diferentes, usando cada tipo na máquina adequada e inserindo duas onde isso fosse necessário" — levou o prof. Ralph Linton a escrever: "Imaginação é a capacidade de representar no espírito situações que não estão presentes. Razão é a capacidade de resolver problemas sem passar por um processo físico de tentativa de erro. A razão não poderia existir sem imaginação, pois no raciocínio a situação tem de ser compreendida e os resultados de certas ações têm de ser previstos. Fazem-se tentativas e eliminam-se os erros, mentalmente. Se estudarmos do mesmo ponto de vista objetivo o comportamento humano e o animal, parece certo que, se reconhecermos no homem imaginação e razão, devemos reconhecê-las também no animal" (trad. bras. pgs. 82 e 83). E concluiu o prof. Linton por achar que as diferenças mentais nos cerebros do homem e dos animais são mais de ordem quantitativa do que qualitativa.



Flagrante do prof. Josué de Castro dissertando sobre "Fundamentos Biológicos da Civilização Brasileira", na Faculdade de Direito do Recife.

sociólogo Gilberto Freyre sobre o mulatismo doural.

Mas vamos deixar o ator em sua glória e examinemos com alguma seriedade, num esforço para ficarmos sérios diante de tão cômica atitude, o pensamento sociológico do autor de "Geografia da fome" e do ator de "Fundamentos biológicos da civilização brasileira". Em "Geografia da fome", o sr. Josué de Castro, logo no prefácio, confessa-se agradecido ao autor de "Casa Grande & Senzala" que despertou no seu espírito "dois sentimentos, ambos fecundos" para o rumo de suas pesquisas (pag. 30 e seguintes). Declara mesmo que graças à "obra do grande sociólogo" nasceu o projeto de "escrever um livro que fosse uma tentativa de sondagem dos fundamentos biológicos de nossa formação social" (pg. 40). E no corpo da obra, — obra, aliás, que sob o ponto de vista de pesquisas sobre a influência do regime alimentar nos agrupamentos humanos nada acrescentou, de particular, ao que já mencionaram Rui Coutinho, Silva Melo, Dante Costa e Castro Barreto em livros publicados —, o sr. Josué de Castro

damente a este burgo com intuíto de nos deixar aparvalhados deante de "suas" descobertas científicas e de "suas" interpretações sociológicas.

Chego mesmo a avançar, sem medo de me transformar num julgador apressado, que o autor de "Geografia da fome" não escreveu a sua conferência por espírito premeditado de defesa. Ele bem sabe que quando falou, com requintado sabor de novidade, da chamada inteligência da espécie e da inteligência do indivíduo, estava repetindo as observações de Oswald Spengler no seu livro "O homem e a técnica", pgs. 42 e 43, edição de Espasa-Calpe, Madrid, 1932.

Esqueceu-se, no entanto, o ilustre professor de citar o dono das observações — Spengler, como também se esqueceu dos trabalhos e das pesquisas que vieram após nos Estados Unidos e já relacionadas na obra "O homem: uma introdução à Antropologia" do prof. Ralph Linton, diretor do Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia. Quero me referir às experiências realizadas pelo dr. Wolfe no "Institute of Human Relations" com

Quando o professor Josué de Castro disse, em sua conferência, que cultura e civilização correspondiam às fases da contemplação e da posse no amor quiz, sem dúvida, fazer frase. Houve e ainda continuará a haver uma discussão bizantina em torno destes dois vocabúlos. Mas é preciso sempre distinguir o significado em que se toma a palavra cultura, se no sentido antropológico ou no seu sentido clássico. O dr. Josué de Castro, dissertando sobre problemas de biologia social, só poderia estar se referindo ao seu conceito antropológico. E nesta direção, são unânimes os sociólogos, desde os brasileiros com Fernando de Azevedo, Roquette Pinto, Gilberto Freyre e Artur Ramos, aos estrangeiros como Boas, Raker, Weber, Menzel e outros em aceitar o conceito de cultura que Ralph Linton explicou tão bem: "Até agora não se grafou um termo especial que designe a herança social dos animais. Para os seres humanos, esta herança é chamada cultura. O termo é usado em sentido duplo. Como termo geral, cultura significa uma determinada variante da herança social. Assim, a cultura, como um todo, compõe-se de grande número de culturas, cada uma das quais é característica de um certo grupo de indivíduos." (pg. 96)

Mesmo que se quizesse dar uma relativa importância à "Geografia da Fome" do sr. Josué de Castro, teríamos de anotar, melancolicamente, que nenhuma contribuição pessoal trouxe para a geografia econômica brasileira porquanto nada mais fez do que sistematizar, pelo inverso, os processos de que se serve aquela ciência para localizar os chamados bens da terra. A finalidade da geografia econômica, segundo o prof. alemão Walter Schmidt, é "o estudo geográfico, conforme as suas causas e efeitos, do processo ativo que tem como objeto os elementos naturais na superfície da Terra". E o "seu primeiro objetivo consiste em determinar a localização topográfica dos fatores econômicos sobre a superfície da Terra". O prof. Josué de Castro, autor de uma "Geografia humana" que é mais econômica, aproveitou-se justamente das regiões onde há pobreza alimentar para lá armar a sua tenda de sociólogo da "Geografia da fome", insistindo em condicionar toda a sociologia à ditadura da geografia biológica. Sempre é útil adverti-lo de que "o que é verdade nas ciências exatas, é

(Continua na pg. 18)

### SUMARIO

- ARTIGOS de Luiz Delgado, Aderbal Jurema, Otávio de Freitas Júnior, Abelardo Jurema e Hélio Galvão.
- CONTO de Gasão de Holanda.
- POEMAS de Luiz Santa Cruz (tradução) e Edson Regis.
- ENTREVISTA com Gilberto Freyre.
- DESENHOS de Zuleno Pessoa
- Bibliografia — Notas.

# NORDESTE Institue Um Grande Concurso De Romance

A aceitação que NORDESTE mereceu do público e, particularmente, dos intelectuais, não foi para nós, que a fizemos, um motivo de simples desvanecimento, quando não de vanglória; foi antes de tudo, uma advertência das responsabilidades que assumimos ao encetar esta publicação.

Desde muito, fazia falta em Recife uma revista deste gênero. De um lado, a necessidade e um ponto de reunião dos valores locais, e um órgão de imprensa em que, sem recusa de quaisquer pontos de vista pessoais e sem influência de qualquer outra preocupação a não ser a da cultura, encontrassem eles estímulo pela comunicação de seus trabalhos; de outro, a necessidade de divulgar, um pouco, fora de nossas fronteiras administrativas, o esforço intelectual que em Pernambuco se processa — eis aí as duas circunstâncias que deram inesperado relevo no nosso empreendimento.

Confessamos que eram mais modestos os nossos intuítos. E à adaptação, que se fez imperiosa e urgente, da revista ao ambiente que em torno dela assim se criou, devemos al-

guma alteração do nosso programa primitivo.

No entanto e para atender desde logo ao caráter amplamente regional que se deduz do seu próprio título e aos seus motivos de incremento literário, NORDESTE resolve lançar imediatamente as bases de um concurso de romances e novelas.

Pensamos, contudo, naqueles escritores que lutam com dificuldades de publicação de seus escritos, em nossos Estados nordestinos onde não existem empresas editoriais do vulto que o nosso desenvolvimento geral exigiria. Não de ser eles, no entanto, os continuadores de uma das tradições mais vivas da cultura brasileira: a que se reflete não somente na reconstituição ou na interpretação das originalidades da nossa existência dentro de seu áspero quadro geográfico, senão também na vitalidade que o Animo criador dos ficcionistas dos ensaístas e dos poetas nascidos de Alagoas ao Maranhão, introduziu como um confluente riquíssimo na literatura brasileira. Muitos conseguiram firmar os seus nomes nas letras pátrias; outros, porém, os que apenas começam, lu-

tam com obstáculos frequentemente desesperadores. Para ajudar a estes últimos, instituímos certas restrições em nosso concurso. E convém não esquecer, ao lado disso, as barreiras que nosso próprio caminho de publicação exclusivamente literária e em começo de vida, se levantam.

Será o nosso, por isso, o concurso de uma revista nova para escritores novos. Não terá grandes prêmios; será, porém, um gesto de companheirismo, uma ajuda cordial que esperamos venha a fecundar algum início de carreira gloriosa.

### AS BASES

— O concurso NORDESTE estará aberto até o fim do ano, encerrando-se no dia 31 de dezembro de 1947 o prazo para recepção dos originais na redação da revista.

— Serão aceitos romances ou novelas, inéditos e cujo texto deverá constar de pelo menos, duzentas páginas datilografadas em espaço duplo, em papel de tamanho almasso.

— Os concorrentes serão escritores nascidos ou residentes na região compreendida entre os Estados do Maranhão e de A-

lagoas, região que será também o centro do livro.

— Serão excluídos escritores que tenham mais de dois livros publicados.

— Os trabalhos dos candidatos serão entregues em quatro cópias; assinados com pseudônimo. O nome do autor virá em sobrecarta fechada em cuja frente se terá escrito o pseudônimo e que só será aberta para identificação dos premiados.

— O julgamento será atribuído por um júri composto de três escritores, preferentemente do sul do país, cujos nomes serão divulgados com o resultado final.

— O critério fundamental do julgamento será a capacidade de criação artística e de expressão literária.

— Poderão ser conferidos até três prêmios, com ou sem classificação de ordem numérica, a juízo da comissão.

— Verificando-se que o candidato ao ser identificado, não preenche as condições constantes deste regulamento, ficará insubsistente o prêmio conferido.

— O prêmio constará da edição pela revista NORDESTE dos livros classificados, cabendo aos autores o saldo das edições.

## NORDESTE

MENSÁRIO DE CULTURA

Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERIO S. A.  
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346  
Sala 33 — 6.º andar

**Diretor:** Esmaragdó Marroquim  
**Redator-chefe:** Aderbal Jurema  
**Gerente:** Fernando Barros Lima  
**Chefe de publicidade:** Paulo Gomes da Silva

Número avulso . . . . . Cr\$ 3,00  
Número atrasado . . . . . Cr\$ 5,00

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente da crítica assinada.  
— Solicitamos permuta com as publicações congêneras.

### REPRESENTANTES:

- Estados Unidos (New York): Artur Coelho.
- Rio de Janeiro: José Irineu Cabral
- São Paulo: Azil Elhimes . . .
- Bahia (Salvador): Livraria Souza
- Parahyba (João Pessoa): Janson Goedes Cavalcanti
- Ceará (Fortaleza): Mário Albuquerque
- Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros

## \* TÓPICOS \*

**Uma tradição estudantil** — Os estudantes da Faculdade de Direito do Recife sempre tiveram suas revistas. Nessas publicações muitos dos grandes nomes das letras brasileiras fizeram a sua aprendizagem literária nem sempre definitiva, mas fortemente marcada pela audácia dos temas novos e pelo amor quase heróico à Verdade. Entre 1930 e 1937 surgiram revistas de estudantes de direito como "Agitação", "Minerva", "Momento", e "Universidade", que atravessaram aqueles velhos umbrais e brilharão lá fora, na metrópole e no mundo.

A revista "Estudantes", reaparecida neste mês de julho, reencontou uma antiga tradição porque é uma revista escrita e ilustrada por estudantes e, pelos nomes, dos mais jovens que estão cursando a velha Faculdade. Com simplicidade determinada eles escreveram no frontispício de sua revista: "Agora, eis que aqui estamos outra vez, dispostos ainda a mais esforços e sacrifícios para alcançarmos o objetivo a que nos propozemos".

Que a Felipe Gomes, Marcelo Pessoa, Antônio de Brito Alvea, José Rafael de Menezes, Ivan Neves Pedrosa, Augusto Guerra de Holanda, Aluizio Magalhães e F. Barreto Campelo nunca faltem o apoio e nem a compreensão de seus colegas e mestres. A fumaça que conduzem com a disposição de verdadeiros iluminados, numa época tão ingrata para

iniciativas deste gênero, já conquistou a praça da Faculdade e, quem sabe, se dela não se destacarão outras maiores que irão por aí fora iluminando a mocidade de outras escolas. Guiados pelo exemplo do estudante Antônio de Castro Alves, cujo retrato a bico de pena "Estudantes" estampa na sua capa, e com as asas rijas da mocidade, eles poderão voar tão alto como se fossem condores. Condores de uma preciosa e rara tradição cultural que se não arreceariam de carregar sobre os ombros ainda adolescentes.

**Contraponto** — A revista de arte, dirigida pelo nosso colaborador Valdemar de Oliveira, em sua nova fase publica interessantíssimos trabalhos sobre o Carnaval de Pernambuco. Com belasíssimas ilustrações e um selecionado corpo de colaboradores, "Contraponto" vem realizando, com absoluto sucesso literário e artístico, o seu programa de difusão cultural.

A revista de Valdemar de Oliveira não pode desaparecer. E preciso que o meio artístico de Pernambuco compreenda o que significa "Contraponto" que, no sul, foi recebida com expressões as mais lisonjeiras pela imprensa carioca e paulista.



### ILUSÕES EM SEQUÊNCIA

— O olho humano, ao contemplar o desenvolvimento de uma película cinematográfica, a razão de 40 figuras por segundo, conserva a impressão de cada uma destas, o tempo suficiente para que o cérebro estabeleça a ligação com a figura seguinte, dando a ilusão de figuras animadas.

— Ilusão maior, ainda, têm aqueles que julgam desobstruídas as dificuldades ante-postas à produção comercial. Meu caso, neste particular, é típico, e o único jeito é esperar na fila as encomendas semelhantes às de numerosos companhias congêneres, espalhadas pelos quatro cantos do mundo — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.



# São Bento, O CIVILIZADOR

Luiz Delgado

mo deixa aos fiéis em relação aos problemas de ordem temporal. E então os fiéis, por sua vez, quedavam perplexos ante o destino que aguardava àquela civilização em cujo seio, afinal, haviam nascido e viviam.

Pois, foi nesse tumulto de almas que S. Bento surgiu na história e mereceu o título de patriarca dos monges do ocidente.

Ele é um representante insuperável da velha dignidade romana. Cada um dos seus movimentos vem impregnado de uma grandeza que é feita de elevação interior e de domínio exterior, sem esforço, espontânea e inevitavelmente. Aquela autoridade natural com que Roma apareceu diante dos povos e era o revestimento de sua vocação, São Bento possuía também. Quando um gordo cobrador de impostos trouxe à sua presença, acorrentado, o contribuinte, que lhe metera o nome em escapatórias e mentiras, o outro, sem interromper a leitura, sem interromper a leitura e mandou apenas que lhes dessem comer e os descansassem, tendo libertado o prisioneiro, que o seu mosteiro era lugar de homens livres; depois, então, é que se ocupou dos seus negócios pequeninos, censurando-os e mandando-os embora. A magestade romana transparecia nessa recepção feita de calma e de vagar, de imperturbável ascendência.

Era esse equilíbrio de sua gente e de sua educação, intensificado pela força de sua personalidade, o que: ele submetia à graça divina como docil matéria-prima a ser modelada. Quando estava moribundo, levantou-se do leito, caminhou até a capela e aí, de pé, sustentado por dois monges, de olhos para o altar, morreu; entregava assim a Deus as energias íntatas e indobradas do seu corpo e do seu espírito.

(Continua na pag. 18)

Cristo depositara na história.

Os romanos sentiam, ao mesmo tempo, a culpa, o recurso de sua decadência interior. Conheciam, sem dúvida, que haviam perdido o valor militar e o valor político. Viam que o fisco absorvente e a escravidão amolecedora lhes tinham roubado o poder, o gosto e a iniciativa de trabalhar. Corriam, por isso, para os prazeres como quem corre para a embriaguez. Queriam consolar-se, entontecendo-se.

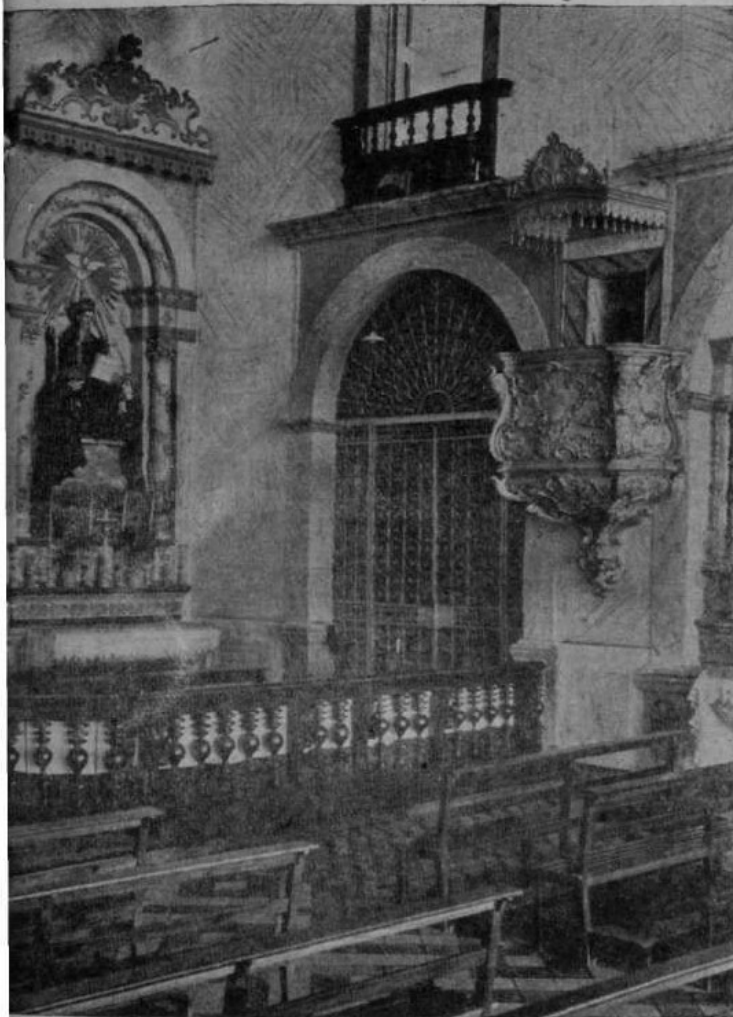
Mas, por outro lado os bárbaros não estavam menos atônitos. Sua cupidez era inquietante. A grandeza de Roma continuava a intimidá-los. Tinham medo de vencer o Império e não saber assimilar as coisas grandiosas de que era feita a sua vida. Talvez hesitassem sobre a eficácia da antropofagia que iriam cometer, devorando materialmente o inimigo no afã de incorporar as suas qualidades.

Entre essas duas forças que assim marchavam para um combate inevitável e decisivo, surgiu o cristianismo.

No entanto, a sua menagem era alta e ampla demais,

como ainda hoje, era infinita,

e o trabalho de ajustá-la às precárias instituições humanas representava um problema novo e embaraçoso. Uma coisa era viver o cristianismo sobrenaturalmente — o que os santos desde o começo souberam fazer —, e outra coisa estabelecer Jerusalém dentro dos muros de Babilônia. Muitos anacoretas haviam fugido do mundo, cortado qualquer ligação com ele; mas era necessário viver dentro dele, instruí-lo, santificá-lo. Já se havia contemplado a transformação do mesmo Império que multiplicara os mártires, em poder que protegia o clero e defendia o dogma, contra os hereges. Inúmeros cristãos cuja memória revivia o drama de seus antepassados devorados nos circos pelas feras, indagavam se o fim dessa mesma Roma que determinara as perseguições, não seria o fim do mundo: é certo que Santo Agostinho podia antever e aceitar de bom grado a substituição da unidade imperial pela diversidade dos povos; mas, tudo isso prova apenas aquela liberdade de opinião e de atitude que o cristianismo



Altar de S. Bento na igreja do mosteiro beneditino de Olinda



Bocante do altar-mor da igreja de S. Bento de Olinda

Mesmo nós que vivemos, nos dias de hoje, entre os rumores e os recelos de um anunciado fim de civilização, não estamos suficientemente habilitados a compreender o que andava no coração dos romanos ao assistir a queda final do Império sob as investidas dos bárbaros.

A verdade é que o mundo, antes de Roma, conhecera apenas ou o despotismo ou a impotência. Fôsse a impotência erudita e sábia dos gregos que jamais se elevaram a uma organização política duradoura e vasta, fôsse a impotência rudimentar dos povos que pareciam não ter nascido para a vida espiritual — o resultado era o mesmo: davam a impressão de material disperso e informe, de uma amon-tado de areia, quando comparados à solene construção que Roma erigia desde a Pérsia até a Inglaterra. Quando muito, houve cidades e dinastias que se estabeleceram, escravizando e assolando: as tiranias orientais cujo último arranco veio morrer em Salamina ou aquela aventura

militar sem futuro e sem alma que partiu da Macedônia um dia.

Roma foi diferente. Ela realizou o milagre de dominar sem extinguir. Depois de ter vencido a Grécia, poz-se a aprender as lições de sua cultura. A sombra do seu direito e da sua política, conservou-se e viveu o temperamento ibérico, o gaulês, o egípcio e o judaico. As religiões e os costumes de cada povo mantiveram-se sob as suas leis. Lutou contra o cristianismo como até então não havia lutado contra nenhuma idéia mas acabou reconhecendo não só a sua existência mas também uma grande parte de sua inspiração. De qualquer forma, não fora um réo compressor correndo as terras e esmagando as almas: preferia ser a criadora da pax romana.

Até onde seus olhos alcançassem no passado, esse observador situado no século V veria apenas isto: a conquista militar servira aos romanos para alargar nas quatro direções a sua disciplina ju-

ridica e dar aos povos — pósto que mediante tributos de vária espécie — uma tranquilidade que, antes, eles não haviam conhecido.

E eis que a realizadora de tal maravilha estava às portas da morte. Ia perecer. As forças bárbaras que ela havia contido, readquiriam a liberdade e o poder e, mais do que isso, vinham vencê-la em sua própria sede. Cercavam a urbs que parecia imortal... Que seria do mundo? Que seria dos homens cujo estilo de vida se elevava e apurava às margens do Tibre?

A angústia dos que assistiam esse declínio trágico era sem precedentes pois o que se via na história, até então, tinha sido o espetáculo dos povos mais adiantados vencendo os outros. Pelo menos, havia certa identidade ou aproximação, permitindo fusões, entendimentos, convívios. E era uma angústia sem esperança pois ainda não se sabia como iria proceder, nos revesamentos de Idades, aquele espírito novo e eterno que

# Sobre Poesia e alguns poetas

Otávio de Freitas Júnior

(III)

UM TEMA que necessita um esclarecimento, pois tanta confusão existe em torno dele, é o da caracterização daquilo que se chama "poesia moderna". Evidentemente que caracterizar o moderno supõe também caracterizar o antigo, para lhe contrapor. Si é que há realmente uma possibilidade de opor, segundo os valores poéticos e estéticos o antigo ao moderno.

Não, mas a oposição segundo valores poéticos e estéticos é impossível. O moderno e o antigo não podem qualificar valor. Nem mesmo num sentido de "aperfeiçoamento" isto é possível. Pois comparar Picasso a Leonardo, ou Valéry a Dante, em que resulta?

O que há é um "modo" que evolui.

Certamente que esta evolução significa um aperfeiçoamento, mas só no sentido de integração, de poder expressional adaptativo. Mas adaptação relativa, e nunca "aperfeiçoamento" absoluto. Aperfeiçoamento, a idéia supõe uma noção de perfeição como limite. Em Arte é idéia impossível, pois a perfeição limite é problema de relação entre o artista e o mundo que o cerca em um momento determinado. Aquele poder ou facilidade, "descobridora" e no mesmo tempo "expressional" do artista, para o mundo. Não significando isto compreensão "popular", quantitativa, sufragista do artista, está claro. E é idéia impossível o aperfeiçoamento "histórico", pois é condição mesma do suceder histórico a mutabilidade permanente. Donde, variação do modo expressional.

Em outras palavras: o progresso artístico, ou poético não existe em si, como fenômeno histórico. O progresso, o aperfeiçoamento, é valor da técnica e da consciência humana mas não da ação poética no seu mais amplo sentido.

E talvez não seja ougado demais dizer que o mesmo se passa com as línguas, dum modo geral, pois a poesia tão estreitamente está ligada à linguagem, que muitos de seus problemas são comuns. Pois não parece, por exemplo, que o Português seja um latim "aperfeiçoado". Bom, ele expressa certos dados, objetos e fatos que pela "novidade" o latim não poderia talvez expressar. Uma transformação tão completa de costumes, instituições, técnica, etc., como a que diferencia as sociedades de Roma e de Lisboa ou Rio de Janeiro — vinte séculos de permissão — exige um modo de expressar novo. E não é outra coisa o que torna, por outro lado, a linguagem impossível de expressar os dados da Física Moderna, substituída então por um modo expressional diverso do quotidiano: o Matemático. Não há entre linguagem e matemática, progresso, porém, senão melhor ajustamento aos relativos campos. Pois, apesar de todo o poder expressional da matemática, nunca será possível "contar numa equação um fato tão simples como este: "João beijou Maria" ou "Pedro está triste".

Temos portanto que apreciar a transformação do modo poético, como ajustamento e, por sua vez, novos modos de vida, de sentimento, de ser, de pensar...

Donde haver um valor apenas "funcional" na transformação do modo poético. Sem nenhuma pré-noção de aperfeiçoamento e progresso absoluto. E, independente deste valor funcional, sintônico (poeta-mundo — mundo que se transforma), os valores realmente estéticos da Poesia. Ou melhor, a presença ou a ausência da Poesia: Presença que é evidente em Camões, ou em Manuel Bandeira, em François Villon, ou em Patrice de la Tour du Pin.

Então o que varia (sem idéia de progresso, insistimos), é o próprio espírito lírico, um indefinível, um conjunto inavaliável de "pontas" como chamaria Jean Richard Bloch, de "impressões", cuja objetivação — expressão — é o milagre poético. Impressões latentes do mundo, que cabe ao poeta descobrir, e coletar, numa palavra, tornar poema. Neste "tornar poema" está a questão fundamental da arte poética. Tornar poema é definir o indefinível, é dar poema ao amorfo; e faz-lo é agir poeticamente.

Portanto, a tática... a tática poética, a arte poética é a escolha de forma, é a realização, é a verdadeira "criação" do poema. Criação para a qual se formam regras, pelo acúmulo das experiências e para a qual concorre o poder inventos pessoal. Embora que esta invenção seja da mesma ordem daquela "criação" que M. de A. se referiu relativamente ao Romance: Criação mais do "tudo" que do "nada", donde sua autenticidade, sua legitimidade. Isto é, sua correspondência com verdades pressentidas, intuídas, verdades existentes em função do meio espiritual. De oportuno evito a palavra social ou cultural, dando ao meio um sen-

tido impreciso, com esta sua união ao "espiritual".

Variam portanto a "impressão" — o imponderável lírico — e também a forma, o modo expressional. Esta, algumas vezes ligada bem estreitamente a finalidades utilitaristas: o caso da rima, por exemplo, cuja finalidade mônica é evidente, portanto com grande sentido na poesia popular, analfabeta, impossível de ser gravada graficamente. Ou de certos ritmos de poesias religiosas, capazes de facilitarem estados de transe místicos.

É claro que os modos expressional, dentro de cada ciclo espiritual, vão se acumulando coletivamente, partindo das experiências individuais, e desta pressão utilitarista, finalista, do coletivo. E, enquanto correspondam à função realmente expressiva, são legítimos. Mas, que se esviassem completamente, e se tornam anormais, quando csem numa simples facilitação construtora, e não construtiva. Quando se desligam da impressão para se tornarem unicamente exteriores, vivendo isolados do conteúdo, ou, sem contudo simplesmente artesanais, simplesmente técnicos. Quando degeneram de forma para forma. Ai, tais modos, são veículos que nada conduzem, nem podem conduzir. Tornam-se imprestáveis. Porque a expressão sem a impressão é a morte da poesia, como da arte. E isto é o academiismo.

Sugeriram estas reflexões dois pares de livros de poesia publicados em 1945. Dizemos de propósito, dois pares, pelo de comum, em relação ao assunto, que têm dois a dois dos quatro livros: "Vida e Sonho" de Austro Costa e "Sugestões de um Poeta Persa" de Araújo Filho, de um lado, e de outro, "Poesias" de Antônio Rangel Bandeira, e "Rosa Extinta" de Domingos Carvalho da Silva. De comum, em relação à oposição novo-velho, pois cada um deles se diferencia extraordinariamente do outro, no mais, e sobre eles procuraremos dizer alguma coisa. No que têm de comum — no que encerram de novo e de antigo — e no que têm de diverso.

"Vida e Sonho" do sr. Austro Costa, é um exemplo dos mais característicos da poesia que já não corresponde impressional ou expressionalmente às constelações do lirismo presente. Trata-se de um caso dos mais legítimos de um "modo" poético (lírico e artístico), sobrepassado, o que, repetimos mesmo com o risco da amolação de tanto repetir, não representa realmente elemento de valorativo, positivo ou negativo.

É o sr. Austro Costa um poeta passadista, e pela sua integração na temática do passado, integração tão intensa que as vezes se torna até exagerada, ele nos mostra bem a diferença das duas constelações impressionais que ainda hoje correm paralelas na nossa poesia: a chamada "modernista" — o que, diga-se de passagem, gera uma permanente confusão entre os meios informados — e a outra que se mantém sob um rótulo talvez impróprio também, de "academia".

O que distingue estas duas poéticas? A primeira vista parecia tratar-se de uma questão de forma. Tal distinção é profundamente ingénua, porém. Nenhum elemento formal da chamada "poesia acadêmica, elementos formais utilizados sistematicamente no passado, se opõe à nova Poesia. É verdade que esta nova poesia acrescentou elementos novos à arte poética. Acrescentou o verso livre, por exemplo, o verso sem rima e sem métrica, cuja utilização devida a Gustavo Kahn, data do século passado, embora alguns pesquisadores o datem de bem mais longe. O verso sem rima, somente alguns completos ignorantes, seriam capazes de crer invenção "modernista". É clássico o exemplo citado nas gramatiquinhas vagabundas, dos "versos soltos ou brancos", que, segundo o sr. Eduardo Carlos Pereira,

"só se ajustam bem com os versos heróicos e undecassílabos", seguindo-se a citação de Garret:

Longo, por esse azul dos vastos mares,  
Na solidão melancólica das águas,  
Ouvi gemer a lamentosa Alagone,  
E com ela gemeu minha saudade".

De Garret, sim, que não foi precisamente um "modernista" ou um "futurista".

Esta nova Poesia acrescentou novos elementos, uma nova tipografia (já anunciada por Malarmé), uma nova estrutura rítmica, etc. Mas nada disto distingue a nova Poesia da acadêmica. Porque, utilizando somente formas acadêmicas, em alguns de seus poemas, Manuel Bandeira, ou Augusto Frederico Schmidt, em sonetos, por exemplo, não deixam nem um instante de ser "modernos". Isto é, não se confundem com os acadêmicos. E quebre-se a métrica, elimine-se a rima dos acadêmicos, veja-se si há possível confusão com algum moderno.

O que distingue então estas duas poéticas? voltamos a perguntar. Sem dúvida é a constelação temática, é a impressão geradora do estado lírico. É a própria atitude lírica.

E estamos diante deste caso dos mais expressivos que é "Vida e Sonho".

A poesia se destina a comover liricamente. E' o complexo comovente acadêmico que diverge do "moderno". Pois o que variou, o que mudou, o que evoluiu foi este complexo. Daí uma fatal incompreensão do "acadêmico" por parte do "moderno", e vice-versa. Vice-versa aliás muito mais definitivo, mais rígido, mais ranzinza. E não é verdade que é direita deles?...

É preciso porém notar que esta incompreensão existe apenas entre ciclos poéticos tão diversos em atitudes líricas como estes que esquematicamente chamamos de "moderno e acadêmico", pois o simples fato da divergência de época não é capaz de explicá-la. Neste sentido, a poesia moderna, ou as que apreciam os poetas modernos, Carlos Drummond, Bandeira, Murilo Mendes, Mário de Andrade, etc., está muito mais próxima espiritualmente, de Camões — sobretudo o Camões lírico dos sonetos — que dos parnasianos, e seus continuadores acadêmicos.

Os elementos geradores de lirismo são, para a constelação "acadêmica", de ordem somática. Daí ser a poesia antiga extraordinariamente barulhenta, grandiloquente, digamos mesmo, empolada. Não resultasse essa política dum século essencialmente burguez, onde os valores se tornaram quantitativos. Visando a quantidade reduziu-se a temática lírica, e se cristalizou uma espécie de meta-poética, onde não se contasse os sentimentos, as emoções, os pensamentos, os fatos, os acontecimentos, numa palavra, as vivências, mas as proto-vivências. Os assuntos poéticos se limitaram em qualidade — amor, sonho, morte, embriaguez, etc., para se estereotiparem em imagens simbólicas, metáforas e alegorias, algumas vezes de erudição pretenciosa e anti-poética. Veja-se a frequência às citações mitológicas da poesia passada e passadista, já sem falar naqueles mostreiros, chamada "poesia científica", em que Darwin, macacos, Spencer, Cosmos, Haeckel, a Evolução, se apresentavam como verdadeiras pedras anti-líricas a agredirem o descuidado leitor. E uma riqueza, também agressiva, de maláculas, significando condensações confabulatórias e especulativas, enchiam os versos. Nas pesquisas e nos sistemas por estas estereotipias e estas proto-vivências generalizadoras, a Poesia abandonava a emoção lírica sem atingir a ação cognoscitiva, e se perdia em preciosismos verbais que formavam delícias, mas hoje, francamente enfadim. Quando não chegavam a se tornar sedutoras pela sonoridade verbal, mas falsas, terrivelmente traído-

ras da essência humana que as deve fecundar. Estereotipando o Amor, perdia-se os amores, a Vida, encobria as vidas, aquelas vidas "vidinhas", que coube à poesia moderna reencontrar, um Manuel Bandeira, ou um Carlos Drummond, com tanta felicidade. E no meio destes subtendidos confabulatórios, destas estereotipias, destas proto-vivências, o poeta antigo se perdia em sutilezas, em reticências, em ironias ou familiaridades, que cada vez tornavam mais individualística a poesia "antiga", contrastando com seu aparente coletivismo estrutural: a facilidade com que transmitia certos elementos rítmicos com a rima, e o academiamento metrificado.

Exemplo bem típico temos neste poema do sr. Austro Costa, com que abre seus sonetos de amor:

"Onde estão as promessas de Ventura?  
Onde o Amor? onde a Glória? onde a Alegria?  
Eu só conheço os prêmios da Amargura.  
Eu só tive acalento de Ironia.

Mas a vida é mulher; Mulher perjura,  
Riu de minha tristíssima figura  
De Cavaleiro Andante da Ironia."

Daí ser necessário um verdadeiro esforço hermenêutico para a verdadeira penetração na poesia chamada "acadêmica", que, neste sentido, se assemelha a certas atrizes velhas, cobertas de maquiagem. Maquiagem que as falsifica perante os olhos das novas gerações, em sua máscara, as esconde. E que superada, vencida, destruída, deixa ver, apesar de tudo, um rosto humano, uma alma humana, um sofrer, um viver humano. Rosto, alma, sofrer, viver que transcendem ao tempo que passou ou que passa, às rugas mal disfarçadas, às camadas de creme e às tinturas.

E vencida, superada, destruída, esta estrutura temática, exterior, da poesia do sr. Austro Costa, superadas suas estereotipias, suas proto-vivências, sua meta-poética, suas maláculas, seu simbolismo confabulatório (Amor, Sábio, Verdade, Quadro, Eternidade, Instanto, a Loira, O Despeito, Passado, Desencanto, Tédio, Eterna Zombaria, Saudade, Sonho, Paixão), seu eruditismo rebuscado (Verlaine, Watteau, La Rochefoucault, Rimbaud, Citera, Milton, Saffo, Baco, Silene, tudo isto citado num poema só), seu vocabulário precioso ("alegoria lírica", hiperestesia, aguçal, musiquismo, "lêda carícia", "menestre infeliza", "astreo doriel", alrim, vergei, tangeamos, argenteo, proloquio, abelhas e mostreiros, halda, redolente, alvinente, cerdeio, "perena renovo"), suas definições hiperbólicas e realmente anti-poéticas ("vultível coração" — pobre tonel furado" — "Coração! Pobre Dinamo...". "O Rio: o lédo estuário dos sonhos de Ademar e de Olegário" — "A Vida não é tão sómente gleba maninha, aspérrima e deserta", "o silêncio é a oração das moitas e das furnas", "a ladainha exotérica dos grilos", "vulões de carne" (seios das mulheres fatuas), etc., vencida esta "maquiagem" acadêmica do sr. Austro Costa, vamos encontrar um temperamento sensível, um enamento da vida e do próprio amor, poeta muito mais neste seu aspecto humano, de boémio no melhor sentido, que aquele artificialismo expressional. Boémio como símbolo de protesto poético contra a planificação espiritual do mundo burguez, de alguém que lamenta sinceramente.

"Não ter hoje em dia a Dama e o Rei  
Por quem torsar, por quem morrer na  
arena."

todo é penetrado de um lirismo de exatidão diante da beleza de uma vida embora esquematizada ou melhor estilizada, como nas operetas tão em voga no começo deste século. Mas, que não se condene esta estilização. Ela representou realmente mais um protesto que uma fuga. Ela foi um padrão de inconformismo, que, se por um lado gerou um sentimento de distração, divertimento, por outro, representou uma verdade poética, que no sr. Austro Costa se realizou em amor, num amor donjuanesco, quasi uma espécie de "amor pelo amor", e que o conduziu a um ceticismo insatisfeito, pessimista, mas desprovido de amargor, um ceticismo simpático, capaz de permitir que o poeta se comova com imagens e recordações; imagens de uma pureza lírica como Natal, o Papai Noel, ou se mostre tão sereno em trovas realmente admiráveis como aquelas "Provas escritas na areia", cuja estrutura formal encerra um conteúdo de beleza poética:



# O Divino Perdigueiro

Poema de FRANCIS THOMPSON  
Tradução livre de LUIZ SANTA CRUZ  
Para ADERBAL JUREMA

- I -

Noites e dias, sob as arcadas do Tempo, d'Ele eu fugi pelos caminhos de labirinto do meu espírito.

Entre névoas de lágrimas d'Ele eu me escondi. E ao borbulhar dos risos, percorri perspectivas de esperança.

Mas só conhecia trevas tirânicas de pavores abissais, fugindo sempre àqueles Pés que me perseguiram sem cessar.

— Em sua caçada sem pressa, em seu passo imperturbável, ou rapidez eternamente deliberada, majestosa insistência divina, aqueles Pés ressoavam.

E uma Voz ressoava, mais insistente ainda: "Vê como tudo te trairá, a ti, que me traíste."

- II -

Como um foragido, fui mendigar corações immedieváveis; janelas de cortinas vermelhas vêssem engarrafar amores entrelaçados.

Conhecendo, embora, o Amor que me perseguia, eu temia que O possuindo nada mais pudesse possuir.

Mas apenas uma janela se abria e o furacão, que O anunciava, quebrava, com fragor, meu coração.

O meu temor não sabia se evadir, como o seu Amor sabia perseguir para além das fronteiras do mundo, d'Ele eu fugi...

E importunel as cancelas de sonho das estrélas, batendo nos vergões de ferro da fantasia, à procura do pouso.

Fui procurar as suaves vibrações dos murmúrios argentinos, nos pálidos portões ao luar.

E lixe à aurora: "Sê breve!"; ao crepúsculo imploré: "Vem, depressa, envolver-me em frescas flores e esconde-me do Aman-te terrível, em torno de mim, fazendo flutuar o teu vaporoso sendal, para que não me veja Ele.

- III -

E assim tentei todos os servos. Encontrava apenas a minha tração na Sua constância; em Sua fidelidade a Si mesmo, a minha infidelidade a mim; em minha tração a Sua lealdade, a Sua lealdade a Si mesmo.

Dos entes aligeiros imploré, em vão, toda a rapidez: agarrei-me à crina sibilante dos ventos.

Mas, quer varressem, tranquilos, as extensas savanas do sul, quer, perseguidos pelo trovão, arrastassem pelos céus os seus fragorosos carros, sobre mim salpicavam coriscos as suas desdentadas patas.

O meu temor não sabia se evadir, como o seu Amor sabia perseguir.

— Sempre na caçada sem pressa, ou rapidez eternamente deliberada, majestosa

insistência divina, aproximavam-se aqueles Pés que me perseguiram sem cessar.

E a sua Voz dominava todos os ruídos: "Vê como nada te abriga, a ti, que não me queres abrigar."

- IV -

E deixei de procurar o que, errante, procurava. Não mais busquei um semblante de mulher nem de amigo.

Só nos olhos claros das crianças fui procurar o que me respondesse — elas, ao menos, seriam, certamente, para mim.

E ansioso, para todas eu me inclinei. Mas no instante em que os seus olhos puros se tornavam subitamente belos, como o despertar do que procurava, os seus anjos me arrabata-  
tavam pelos cabelos, cheio de dor e de angústia.

Em vão, imploré ainda: "Vinde a mim, crianças da Natureza, partilhai comigo a vossa companhia. Deixai que eu vos beije a face e entrelacemos nossas carícias, brincando com as tranças loucas da nossa Mãe e Senhora.

Banquetemo-nos em seu palácio, tendo a sua brisa por paredes e por docel o firmamento azul, a sorver, no uso imaculado, o cálice das lágrimas cristalinas que brotam da fonte dos dias."

- V -

Assim partilharia os segredos da Natureza e compreenderia as fugidias expressões da face dos seus caprichos.

Aprenderia como as Nuvens se elevam, como escumam, sobre o mar selvagem. Erguer-me-ia ou cairia, com tudo o que nasce ou que morre.

A tudo eu me amoldaria, em estados d'alma lastimáveis, ou divinos, álares ou lutosos.

Entristecer-me-ia com as Tardees, vendo arder os seus vacilantes círios sobre os despojos do sagrado dia.

E sorriria aos olhos das Manhãs. O Céu e eu, juntos, choraríamos, misturando-me as suas doces lágrimas de chuva ao sal das minhas lágrimas de amor.

Contra o rubro palpitar do Poente, eu faria bater o meu próprio coração, partilhando do seu alento o meu calor.

- VI -

Nada, porém, nada me aliviava o sofrimento. Em vão, molhei com lágrimas a face cinzenta do Céu; não nos conseguimos entender. Era sempre assim entre as criaturas e eu.

Falava-lhes apenas por sons; o movimento — e não a vida — servia-me de lin-

guagem. Falava-lhes por silêncios.

A Natureza, madrastra, não podia estancar a minha sede; sem querer que eu lhe pertencesse, nunca deixou cair sobre mim o manto azul do céu para ocultar-me no regaço de sua ternura; nunca o seu leite me abençoou, uma vez sequer, os lábios sedentos.

— Pois, de mais a mais, se aproximavam, na caçada sem pressa, no passo im-

perturbável, ou com rapidez eternamente deliberada, com majestosa insistência divina, aqueles Pés que me perseguiram sem cessar.

E adiantando-se ao ruído dos Passos, a Voz me vinha, mais célere ainda: "Vê como nada te contenta, a ti, que não me contentas."

- VII -

E vencido esperei o ter-

rível encontro com o seu Amor. Peça por peça, Ele me arrancara a couraça. Atirara-me de joelhos, indefesos a seus Pés.

Como se adormecesse e ao despertar, com lento olhar, eu me descobrisse despojado no sono.

Com o temerário ardor da minha juventude, eu fizera estremecer todas as colunas dos meus dias e sobre mim mesmo fizera ruir a minha vida.

Maculada pelos destroços, entre o pó amontado dos meus verdes anos, a minha mutilada mocidade jazia, morta, entre os escombros.

Os meus dias arderam, esvaindo-se em fumo, e como reflexos de sol na superfície do ribeiro, se desfizeram.

O sonho traíra o sonhador, o alarde silenciara o trovador; as fantasias da cadeia florida com que acordara

(Continua na pág. 15)



# IMAGENS HEROICAS

## da MINHA JUVENTUDE

Abelardo Jurema

Foi o escritor Celso Maria quem começou a discorrer, numa das movimentadas palestras do Clube "Cabo Branco", da cidade de João Pessoa, sobre personagens da vida real e da literatura de ficção, salientando a absoluta identificação de umas com as outras. Com essa entrosagem, lembrei-me de certas imagens reais e heróicas de minha juventude, cujos principais traços lhe dão aspectos vivos de figuras de romances, permanecendo no julgamento do leitor como frutos de pura imaginação.

A menção de suas nuances fica sempre perdida por aí, escapando à curiosidade dos homens de imprensa que nem tudo podem descobrir. Por isso mesmo é que me ocorre falar agora de alguns desses vultos que surgem em nossos caminhos e passam como sombras para uma reminiscência mais viva nas horas paradas de uma conversa ao pé do rádio ou no "hall" de um singularíssimo "Cabo Branco" — não há outro em todo o Brasil — onde se leva uma tarde inteira de bate-papo inofensivo.

1 — Vem-me assim à memória, para começar, a imagem de um Edson Valença. Filho de gente rica, habituado ao conforto do "grand-monde" tencioso sustentado pelos lucros extraordinários

lença mal dobrava a melancólica mensagem, dirigia-se para uma agência de empregos, dando o seu nome para qualquer atividade. Veio a primeira notificação que foi aceita imediatamente. Estava o Edson transformado em condutor de "mats-way" trabalhando seis horas todas as noites e estudando outras seis na universidade. De filho do papá e da mamã, passou a opeário sindicalista. Das notórias beêmias dos "night-club" ao "guichet" de um trem subterrâneo. Do "sweat" de "boy-friend" à blusa de um "ferryman". Da vida bucólica de um centro de estudos para a agitação de um trem de passageiros por debaixo da terra, com uma velocidade espetacular

nessa época, não era vulgar e assim o Edson, percorrendo as três Américas, viveu de aventuras em aventuras ganhando bem e se fazendo na vida. Hoje o seu nome ocupa as páginas dos jornais como banqueiro e advogado. Passaram as aventuras e ele está naturalmente cuidando do futuro da família, em terra firme. O que viveu, somente cabe num romance. O que sabe, ninguém aprende nos livros. E o que é, ninguém consegue somente com pistoleiros. Até parece um general britânico que depois de lutar pelas colônias nos sete mares e nos cinco continentes, se deixa ficar tranquilamente numa chácara, narrando aos filhos os seus dramas, as suas can-

so de argentos da Escola de Aviação Militar. Não dominava aquelas jovens, o espírito de aventura, simplesmente. Algo de romântico sem dúvida impulsionava cada um para as glórias do espaço. Mas, também as dificuldades da vida eram razões ponderáveis, consideráveis que o curso de sargento prometia remunerações mais ou menos compensadoras. Em todos, entretanto, estava bem vivo um ideal muito mais forte do que todas as necessidades. Era a juventude buscando servir à Pátria, numa arpa que em 1932, com os perigosos "Wacos", constituía um trampolim seguro para a morte.

Entre eles seguia o timbaubense Enéas Jorge de Andrade. Beirava os dezoto

como rebelde. E que rebelde! Lutou. Foi preso e condenado. Parecia que tinha chegado muito rapidamente ao crepúsculo, acudido para muitos anos no fundo da Penitenciária do Rio de Janeiro.

Alguns meses depois o meu amigo Everardo Guerra me dava a notícia surpreendente. Enéas fugira da Penitenciária e numa peregrinação pelas nações platinas que ninguém pode bem imaginar como se realizou e à custa de que sacrifícios, já se achava em Paris, sob os cuidados da Frente Popular de Leon Blum. Logo depois se sabia que o nosso herói estava lutando na Espanha, contra o caudillo, como piloto de guerra dos Republicanos. O timbaubense simples e humilde já se transformava em figura de romances épicos, tal qual aquele gaúcho desajustado ao mais estreito de Jacarepaguá que Erico Veríssimo batizou de Vasco, jogando-o por mundos afora até a Espanha ensanguantada pela guerra civil. Se Erico Veríssimo conhecesse o Enéas, talvez o seu Vasco gaúcho adquirisse muito mais vigor e personalidade ante a odisséia do Vasco timbaubense. Mas, muitos Vascos singraram mundos e a China ainda vive cheia deles. São imagens heróicas de um mundo só que surgem em Tabalana ou Timbauba, com a mesma força como se tivessem emergido entre os horizontes de Odessa ou de Marselha.

Mas, o Vasco da Timbauba do velho Jader de Andrade e do novo Odório Tavares, não ficou ainda lá nas suas reviravoltas pelos céus espanhóis, metralhando os primeiros fascistas que marcharam para a grande fogueira. Quando o último câmbio de Miaja silenciou, também silenciaram as notícias do Enéas Jorge de Andrade. O tempo passou e somente a angústia ficou para os que o estimavam e queriam. De quando em quando vinha uma referência lígria em cartas de Paris, de brasileiros folgadores, sobre o Enéas carpindo o seu heroísmo num campo de concentração. Era a fase de Munique, a fase da capitulação, a fase triste da democracia. E Enéas viveu e sofreu o Munique no próprio campo da trajetória.

O timbaubense que havia andado tanto por este mundo, tinha um destino a cumprir. Crepitem as metralhadoras em toda a Europa e, emergindo daquele imenso mar de chamas, vem novamente à tona o Enéas e desta vez lutando nos céus russos frente ao mesmo inimigo contra os quais já havia se defrontado na península ibérica. Mas, novo silêncio dobrou-se sobre o Enéas e desta vez para sempre. Ele sucumbira, lançando-se como um piloto suicida contra uma forte posição de artilharia germânica que ameaçava um flanco das tropas russas que defendiam Leningrado. Silêncio que se quebrou apenas pela maravilhosa pena de Aníbal Fernandes no austero "Diário de Pernambuco", com uma crônica sobre o timbaubense Enéas Jorge de Andrade que mexeu com a sensibilidade da juventude e o coração dos que tanto o estimavam.

E bem ali em João Pessoa, no bairro de Cruz das Armas, no balcão de uma botega está o ídolo do nosso herói, Enéas Jorge de Andrade, enquanto numa modestíssima escola de costura que o conhecidoíssimo cônego José Coutinho ampara e estimula, defende a sua existência num mundo

difícil de se viver, a sua irmã Alice Jorge de Andrade. Em ambos, não se sente qualquer vestígio de quem tem nas veias sangue de herói, pela simplicidade de maneiras e indiferença às glórias que tão bem mereço. O Enéas por ter realizado uma grande vida. Uma vida de gigante que se perde no vasto mundo da fantasia, sem ao menos um ABC que o Jorge Amado sabe tão bem dirigir ao público, atraindo fatos ao seu lirismo de poeta dos homens, das coisas e das idéias!

3 — Outra vida curiosa é a de Teóclito Miranda, um verdadeiro "espadachim" da idade da Cavalaria. Tipo insinuante, muita presença, arrogante nas atitudes, boêmio sem sentimentalismo, agitado e disposto às lutas, quer no campo político ou pessoal. Trazia do velho e provento Guedes Miranda das Alagoas, de quem é sobrinho, traços marcantes de uma inteligência bem viva mas que ficava nas suas linhas naturais, bruta, sem qualquer impudência em situações frequentadas apenas para perturbar, com o seu espírito inquieto, a paz dos que estudavam.

A velha Faculdade de Direito do Recife, entre 33 e 37, foi o palco de suas diatribas. Estava sempre na primeira linha de todas as campanhas. Batalhava nas eleições do Diretoria Acadêmica. Lutava na composição da diretoria do Centro Martins Júnior. E, lançava entre universitários amolecidos pela pressão policial de um Malvino Reis, sementes sempre novas de rebeldia e de ação. Fora do templo do direito, estava o Teóclito nos subúrbios, entre serenas de danças e festas de rua, nas retraias de Olinda ou no "footing" de Boa Viagem, nos comícios políticos ou nos xangôs e batucadas, enchendo sempre o ambiente com turras entre policiais, malandros e adversários de seu grupo ativista integrado por temperamentos arreliados como Eplício Pessoa Cordeiro, João Agripino, Everardo Guerra e Apolônio Maurício. Não temia barulhos e deles fazia questão de participar impetuosamente por amor às aventuras, ao épico à luta. Não adiantavam os conselhos dos mais prudentes. A sua impetuosidade era incontornável. Até um Capitão como Nelson de Melo sofreu nas mãos de um Teóclito Miranda rebelde que provocava tumultos na exibição de um Thara-Ray no Teatro Moderno ou nas audições de uma Bidú Sayão, no Teatro Santa Isabel, em nada importando o ambiente se era de "smoking" ou de franca liberdade de um "traje à passela".

A diretoria de um clube granfino como o "Tennis" de Boa Viagem ou de uma agremiação da classe média como o "Dragão de Mimos", da rua da Condição, tinha sempre o trabalho forçado quando Teóclito Miranda aparecia numa mesa reservada sem se saber como... Lembro-me que em Largo da Paz, Teóclito se fazia acompanhar de uns seis colegas de Faculdade, participando de um sereno de um baile de aniversário qualquer. Não durou muito a sua posição de espectador. Logo mais ele fazia as apresentações de estilo ao dono da casa, de todos os seus companheiros. E, quando o último era introduzido através de uma porção de elogios especiais, o anfitrião, com um largo sorriso nos lábios, virou-se para a turma já em posição de tomar conta das danças e disse gostosamente — "E quem me apresentará agora ao introdutor diplomático de vocês..."? E, as danças se prolongaram até alta madrugada para a alegria de todos. Não havia dificuldades para Teóclito Miranda.

(Continua na pag. 15)



da indústria do açúcar, logo o seu destino era a América do Norte. Não sei se o Edson Valença se viu impulsionado pelo desejo sincero de estudar, quando num "finer" transferiu-se aos Estados Unidos, ou se foi jogado aos espaços de ultra-mar pela curiosidade despertada por outros mundos, outras terras, outros mares, outros céus. O fato é que logo mais aquele jovem estava cursando a universidade de Baylford. Os anos se passaram e já estava ele prestes a concluir o seu curso de administração e ciências, quando as coisas correram mal para as usinas pernambucanas. A crise estourava e ninguém mais podia manter filhos em terras distantes onde o nosso dinheiro valia pouco. Edson Valença logo recebeu o bilhete azul do velho pai, para regresso imediato, dada a impossibilidade penitenciar em que se via para sustentar o filho no custoso plano universitário americano.

Então surgiu no Edson uma outra personalidade. A do homem decidido, de espírito de aventura e fiel a uma vocação. Sem se deixar acobrunhar, nem tão pouco dominar-se pela "debacle" que fazia ruir os seus sonhos de estudante, o Edson Va-

lença, as suas experiências de uma vida cheia de aventuras e de perigos. Apenas há uma diferença. Deixou ele as aventuras, mas ainda trabalha intensamente. Outro dia ao ver um clichê de seu desembarque na imprensa local, ao lado de uma garotinha e de sua cara-metade, pensei em tudo isso. Como personagem da vida real, Edson Valença, é uma figura de romance. Pouco está acreditando no que contei e ficarão pensando que grande parte entrou nesta reportagem memorialista pela força da imaginação.

Mas outros tipos heróicos virão como o timbaubense Enéas Jorge de Andrade, com a mesma força e vigor que singularizam suas vidas entre as multidões que passam aos nossos olhos.

2 — Em fins de 1932, o velho "Siqueira Campos" conduzia para a Capital da República, oito jovens pernambucanos que viviam vidas inteiramente diferentes. Um concluiu o curso seriado, como se chamava naquela época, o ciclo ginasial. Outros tinham prestado serviços em casas comerciais. Dois ou três não tinham qualquer profissão. Uns todos, um desejo comum. Haviam sido aprovados num exame de seleção para o cur-



# Visita do Presidente do IAPETEC ao Recife



Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, deu ensejo a que se focalizassem as atividades desse mesmo Instituto, desde a sua fundação, principalmente no que concerne ao nosso Estado.

do do Instituto em Pernambuco, sr. Dorgival Guedes Pereira, palavras calorosas de simpatia e aplauso.

Os clichés que ilustram esta página fixam aspectos da estada do sr. Hilton Santos no Recife.

Entre nós, o sr. Hilton Santos e sua comitiva desenvolveram intenso esforço para cumprir todos os pontos do programa organizado em sua honra e que foi, por seu turno, um índice expressivo de realizações em favor dos associados do IAPETEC em Pernambuco. Lançamentos de pedras fundamentais de algumas iniciativas, inauguração de outras, visitas a outras mais, — tudo isso fez o sr. Hilton Santos. E s. excia. não escondeu o seu entusiasmo e admiração pela eficiência com que se desenvolvem aqui os serviços assistenciais do IAPETEC, tendo para o delega-



A recente visita, a Pernambuco, do sr. Hilton Santos, presidente do Instituto de Aposentadoria e



# SOBREVIVÊNCIAS

## do ROMANCEIRO HISPÂNICO no NORDESTE BRASILEIRO

### Helio Galvão

O dr. Joaquim Alberto Pires de Lima, diretor do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, envia para mim alguns trabalhos seus. Não de matéria médica, evidentemente, mas de uma outra especialidade sua, a etnografia, de que é também mestre em Portugal. A família Pires de Lima, aliás, é uma família de médicos e etnógrafos. Fernando de Castro Pires de Lima e Augusto Pires de Lima, até mesmo uma mulher, Maria Clementina Pires de Lima, são nomes bem conhecidos dos estudiosos de etnografia comparada.

Comentando a atividade de Menéndez Pidal no romanceiro peninsular, escreve o prof. J. A. Pires de Lima, num breve, porém, sugestivo estudo: "São comuns, sem dúvida, o cancionero, o romanceiro, o adagiário, a alma de Portugal, de Hespanha e das nações luso espanholas de América." Também penso assim. Ainda há poucos meses, em carta para o dr. Jaime Lopes Dias, um dos meus grandes amigos portugueses, salientava eu os pontos de contacto da canção popular da Beira Baixa e do nordeste brasileiro. Com satisfação, recebia depois daquele mestre da etnografia beira, comunicação de que iria aproveitar minhas observações no prefácio do VII volume de sua obra *Etnografia da Beira*, em preparação.

Si é assim na canção popular, também o é nas tradições, nas superstições domésticas, na terapêutica, nos costumes. No que ao romance concerne não discrepa a minha opinião. Ao estímulo do prof. Luiz da Câmara Cascudo dei-me à tarefa de coligir os romances tradicionais, por ventura sobreviventes no nordeste brasileiro. Em matéria de romance o sertão está em seca inacabada. Com surpresa para mim, porém, na minha própria povoação natal (Tibáú, município de Goianinha) deparei rico filão. Na própria casa de meu pai anotei alguns. Só o Gerinaldo não encontrei até hoje. Em compensação encontrei um romance raríssimo, o da Bela Infanta Paulina, que possui íntegro, em vinte e cinco quadras e três sextilhas, com bonita sofla. O romance tradicional, porém, só estará completo si acompanhado da música respectiva, que é uma condição de sua sobrevivência, conforme observa Vicente T. Mendoza, mestre mexicano na matéria. E é si precisamente, que reside o grande obstáculo. O prof. Luiz Heitor, responsável por uma cátedra de folk-lore musical na Universidade do Brasil, precisa vir ao nordeste. Precisa vir ao Rio Grande do Norte. Para salvar o rico espólio de nossa música popular, antes que morram as velhinhas, porque a gente nova só sabe cantar o samba carnavalesco. E é com um quasi pudor que as velhas nos ensinam alguma coisa do que trazem escondidamente guardado. Meu esforço nesses particular tem sido compensado. Cinco ou seis romances já têm suas músicas escritas. Precisamos seguir nesse ponto o exemplo que nos vem do Chile, com Eugênio Pereira Salas, Domingo Santa Cruz, Humberto Allende e Filomena Salas. O Instituto de Folklore Musical da Universidade do Chile é uma instituição que merece respeito e a gratidão de todos nós, pelo que tem realizado. Há muito que Luiz da Câmara Cascudo, o mestre brasileiro, deu o grito conclamador.

Voltando à tese do prof. Pires de Lima, da similitude do nosso romanceiro, passemos a alguns exemplos que a demonstrarão:

Do romance das *Senhas do Espóso*, de que Vicente Mendoza fez estudo magistral, anotei duas versões: uma em Tibáú, Dona Princesa, outra em Pedro Velho, Luiz Antônio. Devo assinalar que em nenhuma variante, mexicana, chilena, portuguesa ou espanhola, há o nome do marido ausente na guerra, que a esposa fiel aguarda. Nas duas que coligi, numa o marido é Luiz Antônio, na outra é Dom Luiz. A versão

do Tibáú deriva possivelmente da Beira Baixa, conforme a registada por Lopes Dias. A de Pedro Velho procede da versão de Lagos, que Ataíde de Oliveira divulgou no *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*. Assinalamos os pontos de contacto:

#### Beira Baixa:

— Viste lá, ó capitão,  
O meu marido na armada?  
— Nem o vi, nem o conheço,  
Nem sei os sinais que levava.  
— Levava cavalo branco

Na ponta de sua lança  
Um Cristo de ouro lavrado.

#### Lagos:

Dize lá, meu capitão,  
Dize lá, pela tua alma,  
Si o homem que Deus me deu  
Veio ou não na tua armada?  
— Diga-me, minha senhora,  
Os sinais que ée levava.  
— Levava um cavalo branco  
Com uma sela amarela



PERSONAGENS DE "MAMULENGO"

E seia sobredourada  
Na frente do seu boné  
Um Cristo de ouro lavrado.

#### Tibáú:

Dizei-me senhor Capitão  
Dizei-me pela vossa alma  
Si me vistes Dom Luiz  
Nesta sua nobre armada  
— Não o vi, nem o conheço,  
Nem sei que trajos levava.  
— Levava um cavalo branco  
E sela sobredourada

Na ponta de sua lança  
Uma bandeira de guerra.

#### Pedro Velho:

Um marido que eu tinha  
Que na Corte não havia  
Chamado Luiz Antônio  
Capitão de infantaria  
— Vós me dizela, senhora,  
Que sinais ée levava.  
— Ia num cavalo branco  
Sua sela era amarela

Ao redor do peitoral  
Leva bandeira de guerra.

As versões mexicanas apresentadas pelo prof. Mendoza teimam em descrever o tipo físico do marido ausente.

O tema a *Mulher guerreira* é um curioso romance em que um velho pai alquebrado, vindo a pátria em perigo, lamenta não ter um filho varão para oferecer à batalha. A mais velha dentre as sete filhas dispõe-se a todos os destreces, vencendo a obstinação paterna. Assinalamos:

Versão espanhola da Extremadura, coletada por Bonifácio Gil García:

— Tienes el pecho muy alto  
Para pasar por varón  
— Pero me lo ocultará  
Dentro de mi corazón.

Versão portuguesa do Minho, do prof. Pires de Lima:

— Tens uns peitos altos  
Eles te conhecerão  
— Dé-me um colete de homem  
Que eles abaixarão.

Versão espanhola de Menéndez Pidal:

— Conocerante en los pechos  
Que asoman bajo el jubón  
— Yo los apretará, padre,  
Al par de mi corazón.

Versão brasileira do Tibáú, por mim anotada:

— Tendes os peitos mui altos  
Filha, te conhecerão,  
— Meu pai, com o péso das armas  
Eles se abaixarão.

Versão portuguesa do Algarve, de Ataíde de Oliveira:

— Não irás à guerra, filha,  
Logo te conhecerão,  
Tens o peito de mulher  
De mulher, que d'homem não  
— Manda fazer um petilho  
Que me aperte o coração  
Dê-me armas e cavalo  
Quero ir a Mazagão.

Deste outro, de evidente procedência peninsular, tenho visto poucas variantes:

Mais alta dona se via  
Altas torres tem Toledo  
Aonde criou-se Inês  
Filha do rei Dom Rodrigo.

Seu pai não na dava a conde,  
Nem a duque, nem a marquês,  
Nem a péso de dinheiro  
Aonde pesou-se Inês.

Veio logo o Duque Franco,  
Furtou a filha do rei  
Onde ela ia chorando  
Lágrimas de três em três.

— Por que tã choras, senhora,  
Por que tã choras, Inês?  
— Choro por minha ventura  
Que eu não sei pra que serêl.

— A tua ventura, senhora,  
Eu já te digo pra que  
De noite comigo em braços  
De dia comer e beber.

Si choras por teus irmãos  
Todos três já os matei  
Si choras por pai e mãe  
Esse nunca os vereis.

— Empresta-me, Duque Franco,  
O teu punhal holandês,  
Para descoser as barras  
Que a minha mãe me fêa.

(O conde, como bom homem,  
Felo cabo lhe o deu).  
— Essa vai por pai e mãe  
E essa por manos três.

Esta por minha ventura  
Que eu não sei pra que serêl.  
Para que me matas, senhora,  
Para que me matas, Inês?

Agora eu quizera ver  
Quem te levava outra vez,  
— Cavalos que me trouxeram  
Me levarão outra vez  
Para as terras de Toledo  
Aonde criou-se Inês.

Este outro romance, raro no Brasil, tem a mesma procedência:

Cristiano vira-te  
De cristão turco arrengado  
Que meu pai te faz alferes  
Capitão do seu reinado



# A FUGA

Conto de Gastão de Holanda

Esmeralda chegou ao Banco com o coração oprimido. Atrasada quinze minutos. Passou em frente à carteira do contador, pronunciou um bom dia mais tímido do que amável e encaminhou-se para a folha de ponto, ainda pendurada. Ao lado de um número a moça riscou a lapisa as iniciais E. P. e encaminhou-se para o elevador. Premiu o botão elétrico e virou-se negligentemente para o salão onde os seus colegas se absorviam no trabalho.

Esmeralda é bastante alta e delgada. Pelos seus gestos alongados, notamos facilmente que é dessas criaturas maleáveis, de uma timidez dócil. A testa larga, ligeiramente inclinada para trás, continua a mesma linha do nariz. Nada no seu rosto, cujos ângulos dão a impressão de desgastados pelo vento, indica expressão voluntariosa. Há na sua fisionomia certa imobilidade de estátua, uma serenidade adquirida com o tempo. Os lábios finos quando se desceram em sorriso, todo o rosto é banhado por uma luz de crepúsculo, musical, que parece desprender-se dos olhos castanhos. Estes, como se fossem feitos de um óleo fino, vivem a refletir a sua passividade diante do mundo, um caráter de conformismo solitário. Esmeralda é só e imponente diante dos homens como um seixo que rola nas areias, sob a água do mar.

Enquanto esperava o elevador, sentiu-se isolada, numa evidência incômoda. Daí a pouco via-se diante da carteira, extranhando um leve calor que subia ao rosto, espalhando-se pelas orelhas. As mãos, frias, ligeiramente trêmulas, estavam cobertas por uma camada de suor, um verniz transparente e viscoso. Ela pôs a bolsa e o romance sobre a mesa, e, antes de abrir as gavetas, contemplou as palmas das mãos com serenidade. Ao longe, parecia examinar uma joia. De perto, assemelhava-se a uma quiromante adivinando o próprio destino. Os seus olhos passeavam pelas linhas brilhantes de suor, e detinham-se no M maiúsculo, nítido e caprichoso como o do seu professor de alemão: MIT WEN SIND SIE ANGEKOMMEN? Esmeralda ouvia as palavras guturais do velho, mandando que as moças copiassem: *Com quem você se encontrou?* Depois de recordar aquele manuscrito regular e incrivelmente disciplinado, veio-lhe a idéia da morte, que saltava de uma para outra mão, como um pássaro, até assentar na extremidade das unhas escarlates. Os dedos form-se cerrando, primeiro em concha, depois num gesto automático, como governados por um cordão invisível.

Mas Esmeralda lembrou-se de que estava no trabalho. Levantou a cabeça e encontrou o relógio octogonal na parede da frente: oito e trinta. Não se desculpou do atraso. Que provento lograria com isso? De vez em quando tudo perdia para ela a significação, tudo era inde-

terminado, como há vários meses atrás... "Pedro, onde anda Pedro, agora?" Desceu os olhos do relógio e as mãos escorregaram pelo vestido, provocando uma sensação agradável. A seda era macia, suave ao contacto, quase sensual. Guardou a bolsa, o romance e disse consigo, um pouco resoluta: "Bem, agora o trabalho".

Dois das suas colegas passaram por ela e a cumprimentaram com amabilidade.

— Como vai, querida, respondeu à última.

Era Rachel, uma rapariga de idade indeterminada, a quem Esmeralda confiava um tanto das suas inquietações. Viva, louça, em muitas ocasiões agia pelos outros, animando e aconselhando. No Banco, os superiores exaltavam com discrição o seu espírito diligente, confiando-lhe tarefas de responsabilidade. Alguns rapazes se queixavam de injustiça amofinando-se com os elogios da administração, desviados para uma mulher. Mas Rachel não se indisponha com ninguém, resolvendo tudo com um gesto gracioso, um sorriso amigável, arrancando dos colegas a confiança necessária. Pôra, diziam mal dela, muita gente a tomava em conta de leviana. Os mais intrigantes, referiam-se às suas "facilidades", inspirados no seu corpo forte e carnudo, nos seus seios proeminentes. Às vezes, Rachel caricaturava as pessoas que não lhe caíam no agrado. Era inteligente e espontâneo o seu desenho, embora elementar. Com ele, transformava as criaturas em seres grotescos, animalizados e estúpidos. Pilheriando uma vez com Esmeralda, fez um esboço, em que a amiga passava uma figura mitológica: uma mulher de expressão doce, trazendo numa das mãos um ramo de oliveira e na outra uma cornucópia.

Agora, Esmeralda acompanhava-a com um olhar maternal, complacente e a certa altura inveja a vivacidade da colega. E' até onde pode chegar a sua iniciativa. Pensa, ao mesmo tempo censurando: "Como pôde fazê-la ignorar durante tanto tempo! Hoje, se saíssem juntas, à tarde confitaria à amiga o único segredo da sua vida. Aquilo a que não dava muita importância, mas que a inquietava como se o seu segredo não fosse uma coisa legal. Não era capaz de, sozinha, julgar Pedro um traidor. Mas, através dos outros, através do mundo, tinha que julgá-lo assim, mesmo contra a sua vontade. Não considerava o abandono uma traição, mas algo de repugnante, de inferior. Sentia-se mal, porque transferia para si aquele repugnância e era como contempido no espelho uma esquelética figura. Sentiria alívio quando contasse a Rachel a sua história, dissimulada durante quatro meses.

Passam alguns minutos das cinco horas da tarde. Esmeralda e Rachel, juntas, são duas figuras desiguais. Realizam na multidão que enche as ruas e continuam a

pressadas, como à procura de alguém que as espera. Trocam palavras sem importância, notas vagas, que se perdem na algazarra da cidade, como o prelúdio frugal de uma narrativa. A princípio, elas caminham sem direção, apenas levadas por aquela descontrolada onda humana. Depois, como dois animais que farejam, dobram a esquina e atravessam a rua. Rachel havia dito:

— Sim, na sorveteria é melhor.

Entraram, procurando um lugar discreto. Sentam-se. Vem um garção escorrendo-se na mesa, e pára sobre as moças, com olhar interrogativo. O homem desaparece em seguida e ambas esperam o sorvete, mudas, observando desinteressadamente o movimento da casa. Em pouco tempo, Rachel está de frente para a companheira, numa expectativa que não pode ser mais disfarçada. Ela inquietava-se pela outra. Conhecia-a intimamente, o necessário para avaliar qualquer coisa de grave no seu convite.

Depois de uma colherada de creme, Esmeralda descansou a mão sobre o mármore da mesa e perguntou para si mesma: Agora? Rachel encarou-a, respondendo com o olhar: Vamos, que fale a alma!

— Você, com certeza, ignora que eu não seja mais uma virgem.

Era uma frase por demais rude, que batia em pleno rosto da outra como um bafo escaldante. Rachel jamais esperaria palavras tão duras, tão incisivas, ditas com aquela simplicidade passante. Toda tímida de Esmeralda, toda sua natureza de animal passivo, obediente e humilde, transmutava-se em incrível franqueza. A virgindade interessava-lhe pouco, mas a força de que se revestia a confissão escandalizava-a. O que saiu, porém, como resposta, foi uma frase discrepante:

— Posso compreender, minha querida.

— Aos domingos, eu costumava acompanhar Pedro aos seus passeios, geralmente fóra da cidade. Ora o campo, ora a praia. Como é natural, esses lugares mais desertos são sempre os preferidos pelos namorados. E nós tínhamos toda a facilidade em sair sózinhos porque já eramos noivos. Numa dessas tardes, aconteceu o que lhe disse. O mar estava tão belo sob o crepúsculo. E que podia eu recusar a Pedro? O desejo dele era grande, Rachel, incontrolável. Mas depois, compreendi que não havia amor em nada do que ele fez. Ele também se aproveitou da minha inexperiência.

Esmeralda vacila, mas prossegue, no mesmo tom, desapassionado, apenas de recordação:

— Já estava escuro quando nos levantamos da areia. Durante toda noite, senti a pressão do corpo dele e ainda parecia escutar as palavras que se misturavam com o vento. Fizemos projetos, pensamos em construir uma ca-

sa pelo Instituto. Depois, nunca mais apareceu, tendo me escrito um bilhete, onde dizia ter sido transferido e obrigado a partir imediatamente para Macéio.

— E seu pai?

— Também não sabe de nada. Ninguém sabe a não ser você, agora.

— Mas não pode ficar assim, meu bem. Ele tem que se casar com você.

Esmeralda baixou os olhos, numa pausa, alisando vagorosamente com a colher a bola de creme. Depois sorriu, pálida, e arrematou:

— O não ter ficado grávida já foi uma felicidade para mim, não acha?

Rachel tremia de indignação. A um gesto mais rápido, os seus seios andularam e ela teve de acrescentar, quase gritando:

— E' incrível! Esse miserável tem de voltar. Comigo não teria acontecido uma coisa dessas. Em seguida, ponderando, segurou a mão caída da amiga e disse:

— Você me dá licença para contar tudo ao seu pai?

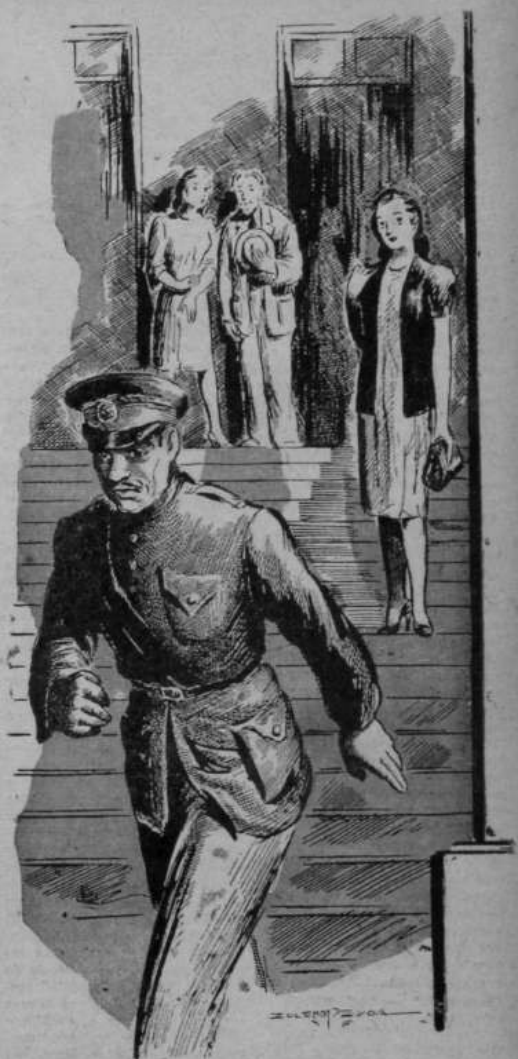
Esmeralda não respondeu logo. Misteriosamente, ela conseguia neutralizar a sua tragédia, fazendo-se sentir mais nos outros. Por grande que fosse a sua solidão, não conseguia torná-la palpável. Era em tudo e por tudo uma sensibilidade neutra. Rachel insistiu de maneira mais convincente, como se estivesse procurando salvar uma filha e a resposta veio como uma evasão:

— Nenhuma providência terá resultado. Pedro está longe, provavelmente já me esqueceu. Será mais uma contrariedade para meu pai e você não imagina como me sentiria encobulada com a notícia do meu casamento pelos jornais. Depois, os colegas... Suponhamos que Pedro se recusasse, não era uma vergonha?

— Impossível, afirmou Rachel, meio dramática. Ele não pode se recusar. Por minha vontade, vão perseguir-lo até nos infernos. Seu pai saberá de tudo hoje mesmo, em seguida.

Enquanto procurava o garção, ríspida e autoritária, Rachel murmurava entre dentes, com sincera indignação: os homens, são todos uns imundos.

Quando Pedro noivou estava no Exército, como primeiro sargento. Era um tipo romântico, pálido, de cabelos castanhos ondulados, que lhe caíam sobre a nuca. O bigode ralo, de pontas crespas, curvava-se sobre os lábios grossos e sensuais, dando-lhe uma expressão meio irônica. Esmeralda conheceu-o ainda como estudante de Medicina, antes de ser convocado. Para fugir à caserna, Pedro ingressou no curso de oficiais de reserva, como lhe permitiam os seus estudos superiores. Mas não concluiu, voltando para as fileiras, desta vez como sargento. A princípio não se deu com a vida de soldado. Mas cedo acostumou-se, sem preocupações além dos seus exercícios de ordem unida: direita, volver! Esquerda, volver! Alto! etc. Por outro lado era bom dar esporro em recruta, ótimo conduzir um pelotão pelas ruas e espalhar nelas a sua voz potente e sonora. Sentia-se vaidoso sob o olhar dos transeuntes, das mocinhas que paravam para vêr a sua robustez de solda-



do. Nessas ocasiões, esgotava a tropa que se movimentava, suarenta, sob os gritos de comando e sob o peso do fuzil que duplicava, triplicava. Os recrutas chegavam a odiá-lo. Mas em Pedro, tudo era arrogância e autoridade.

Esqueceu os estudos, abandonou completamente os compêndios de anatomia. Não adiantava aprender que o coração tinha movimentos de sistole e diástole. Nada de detalhes. Para um soldado o que interessa é saber se sofre ou não do coração, se tem resistência para uma marcha de sessenta quilômetros, se tem bons pulmões. Depois, nos momentos de amor, se existe uma bela mulher, carinhosa e tolerante e se o homem é forte e viril.

Nessa época, o sargento começou a namorar Esmeralda. Ela não simpatizava com a farda. Sempre pensou que o soldado é um homem demasiadamente autoritário e brusco. Mas o rapaz fazia exceção. O seu olhar era inteligente ao mesmo tempo que meigo e lhe transmitia um tal calor que dentro de toda a sua indiferença pelos homens, amou-o e aceitou-o.

Além de não se conformar com aquela viagem estúpida, Pedro estava visivelmente irritado. No trem que ora corria as serras, ora se deslocava através da imensa planície verde, vinha ruminando a sua dor, a saudade da sua amante. Macéio afastava-se a cada minuto e dentro de oito horas, estaria finta a viagem. A sua angústia aumentava

mais e mais, quando se lembrou do comandante exibindo-lhe uma ordem para regressar ao Recife, dentro de 48 horas. Pedro ficara lívido, diante do superior. Nada zoubra dizer, quando ouviu o maior pronunciar com ironia, olhando-o de viés: "As mulheres, sempre as mulheres, complicando". Pedro percebeu tudo, antes de qualquer esclarecimento. Esmeralda havia descoberto e a lei o obrigava a casar-se. Que estopada!

O trem aumentava a velocidade, descendo o vale. De um lado e de outro, os laminais pintam de manchas mais escuras o verde claro da grama que se espalha como um amplo tapete. Mais ao longe o gado pasta, silencioso, imóvel. O comboio se encaminha para ele, no seu monótono tan-tan, enquanto Pedro olha a paisagem, sem compreendê-la, sem vêr coisa alguma. Só faz pensar no Recife, em Esmeralda, no seu casamento absurdo. A noiva havia-o traído. Estava convicto de que tudo ficaria sepultado, apenas sob a expressão de uma lembrança, de uma aventura longínqua. Tinha certeza, porém, de que Esmeralda, por ela, não tomaria tal iniciativa. Alguém a havia encaminhado, alguém, intrigante, maquiavélico, imbecil! Obrigado a apresentar-se dentro de 48 horas. Ah, miserável. Ela devia ter contado alguma coisa a esse alguém. Não era possível avisá-lo. A não ser que... uma criança... Não, não era verdade. Ela não devia ter ficado grávida. Um filho, a-

(Continua na pag. 14)





# POEMAS DE EDSON RÉGIS

## CANÇÃO DA VILA

Uma canção singela nesta noite  
Tomou-me todo misteriosamente:  
Foi a canção que ouvi há muitos anos  
Na vila onde passei a minha infância.

Na canção veio a música dos pássaros  
(Dois sabiás da mata e dos canários)  
Pelos quais o meu pai dava altos preços  
E Agripino o melhor dos seus cuidados.

A canção ainda trouxe as vozes doces  
Das meninas que vinham das Fazendas  
Dançar ao som da banda de Patrício.

— Canção da vila, deixa os meus ouvidos:  
Tu és a minha vida de menino,  
O tempo que voou no gramofone.

## PONTO ZERO

Nada mais que desgraças e lamentos,  
Nada mais que silêncio por desprêzo,  
Nada mais que plumagens estragadas,  
Nada mais que as origens não sabidas.

Apóstolos, o galo, as negativas,  
Os esforços perdidos, os enganos,  
Era nova, os inúteis sacrifícios,  
O mar a jogar algas no horizonte.

Nada mais que os desvios que confundem,  
Nada mais que Eva e Adão no Paraíso,  
Nada mais que milhões degenerados.

Os mesmos jogos sobre as mesmas léguas,  
O mundo enfermo, pálido, sem nome,  
O céu antigo está se deslizando.

## O ARABONDADO

Pensamento claro  
Na manhã brumosa  
Fácilmente exposto  
(Anunciando sonhos?)

Quantas horas frias  
Já passando vão  
Encurtando a vida  
Do seu coração.

E o menino triste  
Vê o sonho andando  
Sem poder prendê-lo.

Para que falar  
Sobre tristes coisas  
Se ele quer chorar?

## A MARCHA

Nada mais:  
Nas coxilhas  
As violências  
Julgamentos  
Essenciais.

Nada mais:  
Pai e filho  
Equivalentes  
Nas bandejas  
Restos mortais.

Nada mais:  
O choque apenas  
Luz e treva  
Os espíritos  
Frios metais.

Nada mais:  
Bailarinas de aço  
Correm mundo  
Abalam árvores  
São vendáveis.

Nada mais:  
A luta sempre  
O mesmo jogo  
A morte certa  
Os mesmos ais.

## FANTASMAS DO RIO UNA

O fantasmas do Rio Una  
Que à noite acordais as virgens,  
Lindos sonhos desfazendo,  
Matando tantos amores,  
Tantos desejos guardados,  
Deixando tanta amargura.

O fantasmas do Rio Una,  
Não tenteis as virgens puras:  
— A dos cabelos da noite —  
— A dos olhos luz de estrelas —  
— A dos seios cor de leite —  
As virgens dos meus pecados.

Que moça deixou o mundo  
Das margens do Rio Una  
Com medo dos seus fantasmas?  
Que moça teve a ventura  
De encontrar nas suas águas  
A sorte vista nos sonhos?

Quantos sonhos não morreram  
Altas noites no Rio Una!  
(Desespêro irmão da morte.)  
Quantas moças já não viram  
Os olhos dos seus amados,  
Nas águas mansas do Rio?

Quando as águas do Rio Una  
De longe trazem fantasmas  
As virgens não têm socorro:

## A MARCHA CONSTANTE

Fugiu a calma de tudo  
Perdeu-se a face encontrada  
Não vejo estrelas no céu  
Não há navios no mar

Os bosques já não florescem  
São muito tristes os dias  
A noiva não quer mais vê  
Quer o filho ao pai mandar

O deserto está crescendo  
Rubro sangue está correndo  
Não vejo estrelas no céu  
Não há navios no mar

Pra tudo a morte o seu dedo  
Aponta espalhando o medo  
Oh meu Deus tanto escarcéu  
Tanto mal a se espalhar!

Não vejo estrelas no céu  
Não há navios no mar

## NOTAS DE UM DIÁRIO

Algida noite  
Tortuosos caminhos  
A posse da amada  
O desespêro e a loucura.

A sombra do corpo  
Grave nas retinas  
Nem uma palavra  
Agonia do espírito.

Estranho perigo  
Diferentes encontros  
Projetos sacrificados  
Convites ao suicídio.

Uma mulher triste  
Lágrimas nas faces  
Páginas do Eclesiastes  
Ausência de música.

Em prais distante  
Uma virgem calma  
Duas da madrugada  
Um processo um crime.



O mundo não vale o Rio,  
Os fantasmas viram gente,  
Os sonhos viram palavras.

## APELO A PERMANENCIA DA FRANÇA

O França, ó doce França, doce e eterna,  
Sei bem que atravessaste uma noite muito escura  
E que a estátua de Lautréamont foi sobrevoada  
Pelos olhos do inimigo nesta noite muito escura.

O França, ó doce França, doce e eterna,  
Doce como os versos dos teus poetas, eterna como os li-  
[rios brancos,

Não posso sonhar sob a luz das tuas estrelas  
Mas não posso também esquecer-te, não posso.

O França, ó doce França, doce e eterna,  
Que o teu vinho suave como os versos dos teus poetas  
Não se acabe antes que os ventos frios das madrugadas  
Se atirem contra os meus ossos quando se tornarem in-  
[defesos,

O França, ó doce França, doce e eterna,  
Pais do meu corpo estranho e distante,  
Que as luzes de Paris nunca, mais se apaguem  
Para que os teus poetas permaneçam para sempre no meu  
[espírito,

## ACONTECIMENTO DE JUNHO

Agora deixa que eu te veja em palavras  
Naquele primeiro momento de junho  
O teu corpo era um súbito impêchito  
Com um estranho som de eternidade.

Houve a ausência de todas as amadas  
Os seus olhos mataram todas — até as lembranças —  
Tocavam o meu coração entre espaços vazios  
Imagem do sonho em atmosfera limitada embora longe.

Aquelas rosas se transformaram com os primeiros ventos  
Aqueles gestos molham outros corpos distantes da gente  
Aqueles gestos seus que ninguém vira, tão simples  
Aqueles gestos são palavras de hoje palavras sérias.

Havia alguma coisa triste nos teus olhos  
A passagem do sonho? O tempo e o espaço do futuro?

A tua voz caiu dentro dos meus dias  
E o meu sono fugiu para o teu corpo.

Havia chuva sobre as coisas eu via junho frio  
Queria cobrir o teu corpo de peixes marinhos  
E encontrar uma atmosfera de sonho sem limite  
Para o nosso descanso de junho a junho.

## SOBRETUDO A NOITE

Nada posso contra a noite  
Que consome os teus cabelos,  
Nem mesmo fazer um verso.

Também não posso esta noite  
Preparar a tua fuga,  
Te guardar num violino.

A noite caiu nas ruas,  
Nas mãos das tuas amigas,  
No meu corpo, nos meus gestos,  
Nas sementes e nos frutos,  
Nos evadidos da lua,  
Nos olhos dos patriarcas.

Cai o tempo nos relógios,  
Nas circunstâncias dos homens,  
No público angustiado.

Com rapidez de relâmpago  
Apaga o tempo as lembranças  
Da pouca infância que tive.

Sobre as abelhas em fúria  
E nas saudades das noivas  
O tempo é fogo terrível.

Os olhos definitivos  
De Maria, a sua boca,  
Horas da noite perseguem.

Nada posso contra a noite  
Que consome os teus cabelos,  
Nem mesmo fazer um verso.

Vê, amiga, é impossível  
Preparar a tua fuga,  
Te guardar num violino.



# CONFORTO



## Viajar nos ônibus



*... da Autoviária não é auxiliar a uma Empresa de transporte: é, principalmente, concorrer para o progresso do Recife.*

**PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LIMITADA**

AVENIDA 10 DE NOVEMBRO, 131 - 5º AND. - FONE 6458

Pelicano





# Pintores Pernambucanos

Telles Júnior é considerado o patriarca de nossa pintura — pelo menos de nossa pintura moderna, em contacto com a vida e a paisagem que ainda se podem dizer reais. E' porém, um curioso patriarca que não deixou descendência. Embora tenha ensinado em colégios e mantido cursos particulares, não criou entre nós uma escola nem uma tradição de pintura.

Se viermos descendo no tempo, vamos encontrar, depois dele, uma turma de artistas que não receberam suas lições, nem sua influência técnica, ainda que tenham recebido provavelmente o estímulo de seu combate isolado e tenaz. E' a geração de Valfrido Maurice, Enrique Elliot, Alvaro Amorim, Baltazar da Câmara, Mário Nunes. O penúltimo dos citados ainda falou com ele algumas vezes mas o último não fez mais do que vê-lo à distância.

Com esses cinco pintores — dois dos quais já morreram — começa outro período da vida artística pernambucana, abrindo os horizontes para gente mais nova. Para documentá-lo, fomos ouvir Mário Nunes e Baltazar da Câmara, no seu atelier comum.

O companheirismo de trabalho que entre eles se estabeleceu desde vários anos não teve a mínima influência sobre suas técnicas e suas personalidades. Cada um continua em seus caminhos próprios. E' esses caminhos são desiguais quase que desde a infância: Mário Nunes não teve mestres.

Menino de colégio, editou um jornalzinho intitulado "A Palheta" que seu companheiro Leovigildo Junior redigia e ele ilustrava. A inclinação que desde cedo assim se entremostrava fez-lo meter-se na aventura de tirar a subsistência de trabalhos que a ela permanecessem ligados de um modo ou de outro: começou a pintar cenários quando vinham ao Recife companhias teatrais e alegorias quando chegava o carnaval; sobretudo, pintava decorações murais em residências particulares — o que esteve em moda em certa época. E, tirando disso o seu pão de cada dia, dedicava às telas o resto do seu tempo e de suas energias. Realizou dessa maneira um aprendizado variado e espontâneo, concorrendo pela primeira vez, em 1915, ao Salão Nacional de Belas Artes onde teve aceito um pequeno quadro "Pedras".

Baltazar da Câmara que também desenhava atôa desde criança, encontrou, quando era aluno do Instituto Aires Gama, o pintor austriaco Franz Hopper que se interessou por suas qualidades e se prontificou a ensinar-lhe desenho. Mais tarde, outro técnico da mesma nacionalidade, o litogravador Alberto Friedler, colocou-o na litografia de estampagem em folhas de fiandres de Ommundsen & Cia. Por intermédio do pintor Gutman Biçho — a quem fora apresentado por Oliveira Lima — conheceu Carlos Chambelland que, no Recife, pintava quadros e decorações. Chambelland foi também professor de Baltazar que trabalhou como seu auxiliar imediato na execução de vários contratos de pinturas residenciais.

Definiam-se desse modo as duas evoluções: Mário Nunes tinha por si o talento espontâneo, a arrancada individualista de sua



1) Mário Nunes — "Fóro de barcaças".

2) Mário Nunes — "O mocambo da praia".

3) Baltazar da Câmara — "Rua do Caldeireiro".

vocação poderosa. Aprendia quase que ao acaso. Ainda hoje, é de ver a atenção silenciosa com que se posta diante dos quadros de cada pintor que expõe no Recife; e, reservado em seus julgamentos mas interiormente severo, aproxima-se dos melhores para analisar, comentar, informar-se. Suas viagens são também viagens de estudo. E, buscando em suas lembranças o traço das admirações que sentiu, evoca, em primeiro lugar, o velho Parreiras, o vigor meio rude daquele pincel tropical. Enquanto isso, Baltazar desenvolvia-se com as lições de meticulosos desenhistas de temperamento germânico. O convívio de Chambelland explica alguma coisa de seus temas: as feiras, o labor dos campos nas plantações da cana, uma documentação etnográfica e sociológica das mais interessantes. No entanto, havia de voltar a presença alemã na pessoa de Enrique Moser, seu associado e companheiro em inúmeros trabalhos, principalmente decoração de igrejas, como o fóro da nave da basilica do Carmo.

Aqui, os dois pintores pernambucanos falam a mesma linguagem afetuosa e comovida com relação a Moser.

A primeira exposição de quadros de Baltazar foi em conjunto com Moser, no saguão do Gabinete Português de Leitura, em 1922. No mesmo local e no mesmo ano, também, a primeira exposição de Mário Nunes.

Ambos levaram para fora do Estado as suas telas. Mário obteve medalha de bronze no Salão Nacional de 1927 e, no de 1930, medalha de prata, ficando assim "hors-concours" — o que quer dizer que seus quadros deixavam de ser submetidos ao juri de aceitação. Expôs no Rio Grande do Sul e tem quadros em muitas galerias do país e várias do estrangeiro. Baltazar, por sua vez, esteve no Pará, no Amazonas, na Paraíba, no Rio e em S. Paulo, com exposições que se prolongaram sempre,

enquanto o artista executava encomendas de decorações e, principalmente, de retratos. No Salão Nacional, obteve medalha de bronze com o retrato da poetisa Ana Amélia Queiroz de Carneiro Mendonça, e de prata (hors-concours). Mário Nunes alcançou também o prêmio Pernambuco instituído pelo governo do Estado para um pintor conterrâneo classificado no Salão Nacional e, nos "salões" do Museu do Estado, medalhas de bronze, prata e ouro e o primeiro prêmio de 1943; foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Per-

nambuco, al ocupando a cátedra de Paisagem. Tanto ele quanto Baltazar dedicam-se ainda, de alguns anos para cá, ao ensino de desenho em vários colégios do Recife.

Muito de nossa paisagem pernambucana, de nossos recantos de cidade e, sobretudo, de nossa luz, está consignado nas telas de Mário Nunes. Mantendo-se nas tradições clássicas, admirando Cezanne mas rejeitando Picasso — não o Picasso do "ciclo azul" mas o do cubismo — ele tem, no entanto, uma liberdade de movimento e de interpretação que revela a sua personalidade, bastante forte para ter encontrado sozinha os caminhos da própria expressão. Fala pouco a respeito de sua técnica: diz apenas que não detalha, que reproduz as massas por indicações sintéticas, que se exprime bem no seu violeta limpo ou nos seus amarelos que não encontra na natureza. Concilia dessa maneira as disciplinas que julga indispensáveis a toda arte, com a necessidade de inovação que julga indispensável a todo espírito. E realiza na sua pintura um equilíbrio pessoal que os olhos submissos a fórmulas feitas — fórmulas do academismo ou do modernismo, idênticas em suas deformações, — podem não ver mas que é sensível e brilhante.

Não se afasta da paisagem. Enquanto isso, Baltazar da Câmara percorrer divergentes veredas: retratos e paisagens, quadros históricos e quadros simbólicos, anjos perdidos entre névens e matutos carregando canas em carros de boi ou vendendo frutas nas feiras. Seu desenho é exato, conciente, seguro. Distribui as figuras pelos diversos planos de um grupo, com naturalidade, sem atropelos nem repetições, mantendo ar e espaço entre elas. Joga bem com a sombra e a luz nos panejamentos das roupas dos seus feirheiros. Sob esses aspectos, sua pintura se habilita a documentar não só o seu temperamento como também certas manifestações de nossa existência coletiva.



Baltazar da Câmara — "Comprando batatas"

Leia neste número de

**NORDESTE**

as bases do  
sensacional  
concurso  
de romances

# BANCO AUXILIAR DO TRABALHO

SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital realizado . . . . . Cr\$ 710.470,00  
Fundo de reserva . . . . . Cr\$ 24.212,00

DEPÓSITOS A MELHORES JUROS

Dr. João de Godoy e Vasconcelos  
Diretor-Presidente

Dr. Carlos Araújo  
Diretor-Gerente

RUA SIQUEIRA CAMPOS, 100 - TELEFONE: 6258

# COOPERATIVA Banco do Nordeste LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Endereço Telefônico: "BANORDESTE" — TELEFONE N.º 6260  
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DECONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especiali-  
zada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM  
Presidente

WALDEMAR CARDOSO  
Gerente

# A FUGA

(Continuação da pág. 9)

gora, seria a sua desgraça. Esmeralda teria comunicado, e no entanto silenciou. Nem um suspiro. Nem uma advertência partiu daquela mulher, fria, indolente. Chegava a odiá-la, sob a lembrança da amante. Da alagoana, sim, que lhe punha a cabeça morena e voluptuosa. Essa, a rodar, que inventava mil maneiras de ser mulher. Aquilo é que era uma fêmea. A outra, uma criança frágil, sem experiência na vida, sem saber amar, vivendo sob um irritante escrúpulo de filha de Maria. Para o inferno! Com essa boneca o obrigavam a casar-se. Que ironia! Tinha vontade de transferir a sua angústia em lágrimas, arrebatando um pranto convulso. Mas se o vissem chorando ali no trem? Um soldado debulhado em lágrimas, nada mais ridículo, casava, mas não viveria com Esmeralda. A isso ninguém o sujeitaria. Contudo precisava manter a amante na ignorância, por simples questão de conveniência. Pedro conhecia bem o coração das mulheres, e era natural que a alagoana tivesse alguma esperança. Quem sabe se todo o fogo de amante não residia no desejo de casar-se, de ter, mais tarde, uma vida mais garantida? Descobrir, poderia abandoná-lo. Ignorando, ele sempre estaria de cima, fazendo e desfazendo, até casar-se... Isso o consolava.

O trem desliza rápido, iniciando uma curva mais aplegada. O vagão estreito joga violentamente sobre os trilhos. Pedro, menos irritado com o destino, sente a sua angústia transformar-se em fome. Há quatro horas que não se alimenta. Levanta-se, sustentando-se no encosto do banco, e passa um rápido olhar fora da janela. O sol está forte, derramando sobre os canaviais uma luz intensa. O verde se prolonga indefinidamente e bem para lá daquelas terras, ao fundo, sob as nuvens que se desenhavam no azul, está uma cidade que o espera, um juiz, uma mulher, e as testemunhas. Ah, que felicidade se ele pudesse dizer NAO!

Mesmo no quartel, Pedro e Antônio da Justa cambalearam tudo. O velho, baixo, o peso, de ligeiras papadas trê-

mulas, falou com o futuro genro sem poder encará-lo. Um grande sacrifício. A princípio não sabia o que dizer e a conversa, durante um pequeno espaço de tempo, reduziu-se a monossílabos esquivos. A má vontade de Pedro, a sua visível aspereza, fizeram com que Antônio da Justa procurasse a rua o mais depressa possível, com vontade de chorar. Lamentava profundamente a desventura da filha, a quem tanto queria. Mas o culpado era ele, que desde a morte da sua mulher descuidara-se um pouco, dando à moça toda independência. Agora via que não agira com prudência e se admoestava da eterna frase com que respondia as consultas de Esmeralda: "Você é uma menina de juízo. O que fizer só pode ser de bom que fizer só pode ser de bem e não merece a minha reprovação". No dia seguinte seria uma das testemunhas daquele casamento formal. O que deveria fazer pela filha, depois? Desconhecia as intenções de Pedro. Iriam morar juntos? Como iria suportar aquele rapaz antipático, entre as mesmas paredes, comendo na mesma mesa? Contudo, havia uma esperança: o tempo. Com o tempo, ele poderia amansar, com o tempo Antônio da Justa poderia até simpáti-lo, considerá-lo como um filho. Sentia falta de um homem, em casa, com quem trocasse idéias da mesma natureza. Sairia menos, se decidiria mais à vida do novelar e quando nascesse um netinho tudo mudaria por completo. Al. Antônio da Justa deu um safanão em todas essas idéias, dizendo consigo: "Já estou com ficção". Tinha muito que cuidar até o dia seguinte e era urgente que voltasse para casa. Esmeralda o esperava, de certo a falta. Mas ele não deixava transparecer nada, jamais lhe contaria como o malandro lhe recebera.

Estavam todos diante do juiz: Antônio da Justa e Rachel, livida, como testemunhas de Esmeralda; dois escrivães, como testemunhas de Pedro. Houve um mal estar profundo, visível, incontestável, quando o magistrado perguntou se era de livre e espontânea vontade. De-

pois, protocolariamente, estendeu a mão aos casados, desejando que fossem felizes. Esmeralda e Pedro saíram para o lado, como se quizessem falar em segredo. Ela estava ligeiramente emocionada. Tinha ao lado o seu marido e a sua união estava protegida pela lei. Pedro segurou-o o braço, com doçura, e ambos passaram por uma porta imensa, de onde se avistava a rua. Os outros acompanhavam de longe, numa expectativa silenciosa. O que se passava dentro de Esmeralda? Dentro do pai, dentro da amiga? Havia em todos eles, por mais que procurassem disfarçar, uma incerteza cruel.

A voz de Pedro é vacilante. Naquela solenidade havia qualquer coisa de eterno, de sólido, que conseguira abalar o seu cinismo. Para a sociedade não era mais o mesmo homem. Ali junto estava uma mulher que traria agora o seu nome. Mas não havia tempo a perder. Transigir, seria pior, seria prolongar a situação, que a cada minuto se tornava mais incômoda. Virou-se, resolveu, e disse:

— Esmeralda (como lhe era estranho pronunciar aquele nome), não vou viver com você. Vou-me embora hoje mesmo. Adeus.

Estendeu-lhe a mão olhando para as botinas. Esmeralda levantou o braço, sentindo o coração parar enquanto via o marido descer precipitadamente as escadas. Antônio da Justa e Rachel viraram de longe e entreolharam-se dramaticamente. Era o fim. Aquele arremate de que ambos tinham medo e se recusavam a aceitar. Aproximaram-se quasi correndo e encontraram Esmeralda olhando para a rua, mais imóvel do que nunca, em toda a sua serenidade de estátua. Ela fixava alguém que desaparecia ao longe, o homem que poderia tê-la nessa mesma noite, e virando-se lentamente para os dous, murmurou: — Ele não volta mais.

Antônio da Justa tremeu o beijo, humilhado. Era profundamente doloroso ver a cara do velho. Os seus olhinhos pequenos botaram nas lágrimas e a sua face gorda ficou riscada de cima a baixo por duas linhas brilhantes. Todos três olhavam na mesma direção, como se vissem um fantasma perder-se

na noite. Certamente o velho Antônio da Justa não suportaria chegar em casa e ver o pequeno lanche sobre a mesa. Os bolinhos, os doces, o guaraná, para as suas moças, a cervejinha para elas, os homens. Tudo isso sobre a toalha rendada que fóra da mulher e que ele próprio havia lembrado a Esmeralda para retirar da mão. A sua festa íntima não se realizaria. E a surpresa que tinha preparado em silêncio? Ah, como era cruel a sua sorte, como era triste a da sua Esmeralda! Pedro dorria um golpe tremendo. Há muito tempo que o velho não se emocionava tão intensamente. Procurou o braço de Rachel, como quem busca uma coluna para se sustentar. Encontrou-o, aproximou

mais a moça para si e perguntou: — Vamos embora?

Não havia mais nada a fazer. Ambos desciam compassadamente os degraus, enquanto Esmeralda os acompanhava, atrás. Trazia a bolsa sobre o peito e olhava para o pai, para a amiga, advinhando néles a dor que deveria ser sua. Novamente os outros sofriam por ela. Novamente ela despencava-se do alto, para mergulhar na indiferença, no alheamento, na passividade total. Agora, todo mundo sofreria por ela. Sómente ela conseguia fugir, escapar do seu próprio drama. Se Pedro voltasse, se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira de mau gosto, ela o aceitaria, ela o toma-

ria pelo braço e ambos caminhariam para o leito nupcial. Mas o seu marido a tinha recusado, justamente quando tudo estava fácil, quando ambos poderiam ter dormido juntos. Hoje, como sempre, ela dormiria só, talvez depois de ler algumas páginas de romance. O mesmo quarto a esperava, e mesma cama de solteiro — Antônio da Justa trataria de reportar tudo nos seus lugares. Amanhã seguiria para o trabalho, apenas com a preocupação de mudar o nome, de evitar, provisoriamente, os colegas.

Rachel e o velho, porém, não dormiriam logo. Entrariam pela noite, sob uma desagradável impressão, inquietos com a vida de Esmeralda.

# THE GREAT WESTERN OF RAILWAY COMPANY LIMITED

## SERVIÇO DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão dísticas com o nome do receptor e estação de destino, retirando dos volumes todos os dísticos usados.

A falta de dísticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.



**TOMAR O TREM EM MOVIMENTO É PERIGOSO**

**COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA**

Recife, 13 de maio de 1947.

**A ADMINISTRAÇÃO**



# O DIVINO PERDIGUEIRO

(Cont. da pag. 5)

rente a Terra, como jóia pendente do meu pulso, fraguejaram.

Débeis lâmes que eram para conter uma Terra sobrecarregada com tão pesadas penas.

Seria o seu Amor, na verdade, jóia e jóia purpúrea, que não permite florescer outro amor que o Seu? Seria necessário que Ele carbonizasse o lenho, antes de com ele desenhá-lo?

E a minha freseira orvalhava sobre o pé uma ga-

rça suave! O meu coração não parecia uma fonte partida? As minhas lágrimas, gotejantes, não estagnavam ainda pensamentos que tiritariam de frio, nos ramos arquejantes do meu espírito!

— VIII —

Mas se assim era — o que viria depois? Amargo o cerne — qual o sabor da casa?

Pressentia, apenas, na obscuridade, o que o Tempo entre névoas confundira: ouvia a trombeta, quando em quando, canglo-

rar, atrás das muralhas da Eternidade.

Revoltas as névoas, entreabrir-se-lha o Tempo e das tórridas do Eterno, apenas entrevistas, lentamente refluíam os sons.

Antes, porém, já eu presentira. Quem tocaria a trombeta, envolto em vestes purpúreas e de círculo corado; conhecendo-lhe o Nome, sabia o que anunciaria:

— Era para Ele a messe do coração humano, para Ele a sua vida. Mas os campos em que ceifaria seriam

fecundados pela podridão da morte?

— IX —

E no lento perseguir, aproximava-se, de mais a mais, o ruído: a sua Voz emergia de tudo, como ondas arrobatando: "A tua Terra estará assim desfigurada, destruída, pedaço por pedaço?"

Sim, vê como tudo te fugiu só porque tu me fugiste. Ser estranho, inconstante, lastimável, por que te reservaria alguém qualquer afeto, já que ninguém, senão Eu, a Misericórdia, dá

valor ao nada?

O amor humano exige merecimento humano e como o merecias tu que, de toda a grosseira argila humana, eras o mais apagado fragmento? Não sabias ainda quão pouco digno de amor eras tu. E quem encontrarias para te amar, senão Eu, só Eu?

Pois tudo o que te retirei, tomei-o para a tua desgraça, mas para que o procurasses em Minhas mãos; tudo o que a tua ilusão pueril imagina perdido, guardel-o para ti: levanta-

te, toma a Minha mão e vem."

E assim pararam junto de mim aqueles Pés que me perseguiram, que me perseguiram sem cessar.

Minhas trevas, afinal, eram apenas a sombra de Sua mão estendida para me acariolar:

— Oh! mais insensato e fraco dos entes, Eu sou Aquilo que tu procuras.

Não vês que repellas para longe de ti o Amor, quando a Mim repellas?

Rio de Janeiro, na oitava da Páscoa de 1946.

## Sobrevivência do Romanceiro

(Cont. da pag. 8)

Também te dará um posto Que para ti tem guardado.  
— Como virares eu  
De cristão turco arrengado

Si meu Senhor Jesus Cristo  
Foi por mim crucificado  
E na sua santa lei  
Onde eu fui batizado?

— Com que me pagas, cristão,  
Os bons manjares que te dava?  
Dava-te a comer pão branco  
Daquelles que o rei manjava,

Dava-te a beber bom vinho  
Do que ao rei se apresentava.  
Cristiano, quando fôres,  
De muda pra tua terra,

Dizos que foste cativo  
De uma princesa tão bela  
Que por tua ingratidão  
Não te casaste com ela.

Mandei fazer uma torre  
Com as portas para o mar  
Só para ver Cristiano  
Quando se fôr embarcar.

Cristiano, quando fôres,  
De muda pra tua terra  
Si encontrares um rei turco

Diz-lhe que vais para uma guerra

— Arrependido estou eu  
De o dinheiro ter tomado  
Pois bem conheço que fica  
Tristeza no meu reinado.

Este romance focaliza uma bela atitude de fidelidade ao batismo, tão menosprezado nos dias de hoje, tão necessário de meditação.

Finalizando, com as palavras iniciais de Vicente T. Mendoza no seu opulento volume *El Romance Espanol y el Corrido Mexicano*:

"Cada país, cada nação, cada povo tem expressado em forma mais ou menos semelhante, seu modo de sentir, de pensar e de raciocinar, recordando em cantos singelos, de uma concisão e exatidão espantosa, os acontecimentos que mais profundamente feriram sua imaginação: as guerras, sobretudo, as matanças, os atos heróicos..."

Delgadilha, Bernardo Francés, Dom Carlos de Montalvar e tantos outros romances tradicionais que o colonizador hispânico, luso ou castelhano, semeou nos povos americanos, teriam sido fatos reais, acontecimentos históricos, romancesados pela imaginação popular, profundamente impressionada pelas suas repercussões

## Imagens Heroicas De Minha Juventude

(Cont. da pag. 6)

A vida do alagoano continuava como um romance de capa e espada. Raro era o dia em que não aparecia uma novidade e rara era a novidade que não envolvia o nosso herói como o centro de tudo. As embaixadas universitárias para o norte ou para o sul, levavam sempre o Teócrita que era o elemento indispensável. O homem que abria todas as portas, todos os portos, todos os palácios! Conduzia uma turma a Porto Alegre, dispondo apenas de passagens de ida e sem qualquer numerário para enfrentar as despesas imprescindíveis em terras estranhas e o necessário regresso. Mas, logo Teócrita estava, como um embaixador, a ser recebido

em audiências por ministros, Governadores, Secretários de Estado e auxiliares da administração. Voltava invariavelmente com tudo resolvido. Hospedagem garantida, ajuda de custo e passagens de volta. Aconteceu assim em Belém, em Salvador, em São Paulo, em Porto Alegre e até mesmo em Goyaz. Foi o estudante que mais viajou por estes brasis afora. Foi o estudante que mais viveu a vida universitária, romântica, aventureira e mais das vezes épica.

O tempo, contudo, transforma-se coisas e os homens. Dispersada a turma em 1907, entre solidões de colação de grau e o indefectível baile no Náutico, cada um rumou para o seu próprio destino. Teócrita ainda impu-

cionado pelo espírito de aventura, desfraldou as velas para o Rio, com algumas migalhas na carteira. Lá se foi e não mais voltou.

Soube depois que de advogado de porta de cadeia a defensor de fusteiros e marinheiros repreendidos, suspensos e expulsos, Teócrita Miranda conseguiu firmar o seu escritório de advocacia na Capital da República.

Outro dia o encontrei na Cinelandia. Já era um homem diferente! A sua esposa ao lado imprimia ao Teócrita a fisionomia de um homem grave. Do universitário endiabrado, restava apenas uma sombra nos traços de uma fisionomia muito conhecida para mim

## Proteja e assegure o futuro de seus filhos



Quaisquer que venham a ser as suas possibilidades de êxito no futuro, uma situação financeira sólida, ou abrigo de imprevistos, é sempre uma garantia de tranquilidade. Os pais previdentes, a par do esforço de cada dia para a educação dos seus filhinhos e de suas filhinas, asseguram-lhes o futuro, a fim de que possam aproveitar em cheio os benefícios recebidos na mocidade. Há um meio para, sem sacrifícios, assegurar o futuro dos filhos: institua, em nome deles, um pequeno depósito popular na Caixa Econômica Federal de Pernambuco e vá aumentando esse depósito por meio de pequenas contribuições mensais.

### CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

MATRIZ: — RECIFE

Agências: — Santo Antônio, Encruzilhada, Largo da Paz — Filiais: — Limoeiro, Nazaré, Caruarú.

# O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, Líder da Assistência Social no Brasil

Já ninguém poderá negar a relevante significação da Previdência Social em nosso País. Os institutos e caixas de aposentadoria e pensões, embora ainda não se possa afirmar que cumpram cem por cento a alta finalidade para que foram creados, têm entretanto, prestado inestimáveis serviços aos seus associados que, verdade seja dita, estariam no mais completo desamparo se lhes faltasse a ajuda de suas instituições.

Dentre as instituições de previdência existentes no Brasil, sobressai, sem dúvida, pela sua organização e pela efetiva assistência que presta aos seus associados e respectivas famílias, o INSTITUTO DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS BANCÁRIOS.

Não seria demais ressaltar os eficientes serviços que essa instituição prodigaliza aos seus contribuintes nos grandes centros bancários, através de uma completa e moderna aparelhagem, desde a que se destina a simples consultas até aquela reclamada pela mais delicada intervenção cirúrgica.

Em algumas capitais estaduais, como São Paulo, Recife, Porto Alegre e Fortaleza, em edifícios próprios, funcionam ambulatórios completos, em horário conveniente à classe bancária que, assim, se vê amparada no importante setor da medicina, cujos recursos ho-

je são cobrados a preços inacessíveis às bolsas modestas.

Porém, o que põe em maior destaque as atividades do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, é a sua penetração através de todo o território nacional. Com a mesma dedicação com que procura atender às necessidades dos associados residentes nos grandes centros

de população bancária mais densa, como do Distrito Federal e os Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde aquela assistência atingiu as apreciáveis cifras de Cr\$ 5.213.189,70, Cr\$ . . .

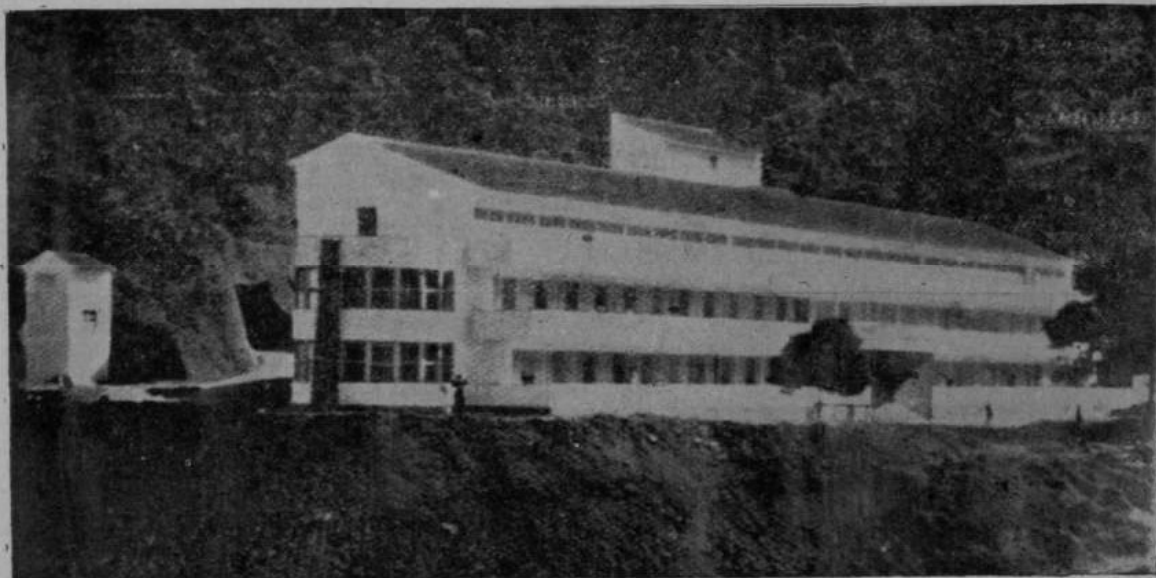
tudo dos Bancários dependeu com a assistência médica, cirúrgica e hospitalar, em todo o Brasil, desde a sua instalação até 31 de dezembro de 1946, no expressivo montante de Cr\$. . . 70.436.697,20.

Para o combate à tuberculose, o Instituto

feito no Distrito Federal, onde adquiriu, recentemente, o Sanatório Cardoso Fontes, situado em Jacarepaguá, em ótimo clima, e dotado da mais moderna aparelhagem e de profissionais competentes que se dedicam com abnegação à luta contra a insidiosa moléstia.

O auxílio pecuniário às gestantes e a sua internação hospitalar re-

ções nesse terreno, pode-se destacar o gigantesco empreendimento levado a efeito no Bairro de Cavalcanti, no Distrito Federal, onde fez construir um magnífico conjunto residencial de 300 casas, que locou por preços extraordinariamente módicos aos seus segurados. Iguais empreendimentos realizou e vem realizando em diversas cidades dos Estados,



Sanatório Cardoso Fontes, construído pelo Instituto dos Bancários, para seus associados, em Jacarepaguá

bancários, vai o Instituto até as menores cidades do interior, onde existe um seu segurado, e, aí, silenciosa, mas eficientemente, com todos os recursos de que dispõe a localidade, ampara seu contribuinte, sem demoras nem formalidades.

Passando em revista o movimento da assistência médica, cirúrgica e hospitalar prestada durante o ano de 1946, encontramos a comprova-

ção nítida do que acima afirmamos. Assim é que, dispensados os centros de população bancária mais densa, como do Distrito Federal e os Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde aquela assistência atingiu as apreciáveis cifras de Cr\$ 4.022.352,60 e Cr\$ 2.341.399,60, respectivamente, vamos encontrar também os Estados centrais, onde a rede bancária é escassa, assinando, entretanto, a existência do Instituto pelas seguintes cifras: GOIAZ — Cr\$ 57.046,00; MATO GROSSO — Cr\$ 35.971,10; AMAZONAS — Cr\$ 26.200,00 e PIAUÍ — Cr\$ 13.475,50.

\* Estas cifras são diminuídas, quando comparadas com o que o Insti-

promoveu o censo torácico de seus filiados de todo o Brasil, prevenindo, assim, o desenvolver da terrível enfermidade que se tornaria, em muitos casos, de consequência fatal. Seguindo o mesmo plano, pretende o Instituto adquirir Sanatórios em Belo Horizonte, Recife, São Paulo e Porto Alegre, que constituirão verdadeiros centros de irradiação para o combate à peste branca, a exemplo do que já foi

presentam, sem dúvida, outro aspecto digno de reparo, dos benefícios concedidos pelo I.A.P.B., entre os quais se incluem a aposentadoria, a pensão, o benefício-enfermidade, o auxílio funeral e outros.

O Instituto dos Bancários tem dispensado, outrossim, especial atenção ao problema da captura própria, que tanto aflige as populações das capitais nesta época. Dentre as suas realiza-

proporcionando aos bancários habitações higiênicas, confortáveis e, o que mais importa nestes tempos, grandemente acessíveis.

Como se despende deste rápido esboço de suas atividades, a solução de grande parte dos problemas atuais depende das instituições de previdência social, entre as quais o Instituto dos Bancários merece, sem dúvida, um lugar de inegável destaque.



# Sobre Poesia e Alguns Poetas

(Continuação da pág. 4)

"Munha da Outubro. Na praia.  
Divago. E o olhar se vai calando.  
Ao contemplar a cambraia  
Que as ondas tocam na areia.

Passas cônicas, e eis em líbia  
Os coqueiros, perillados.  
Mas, quando passas comêcia  
Ficam todas debruçadas.

Já com sugestões de "Um Poeta Poeta" muito diferente se nos apresenta o sr. Araújo Filho do acadêmico sistemático que se dá a simples leitura dos títulos de seus livros mais antigos: "Echôlogues", "Sitarredo", "Arbor" Mea"... pois, diga-se de passagem, é um livro dos mais tipos de caráter acadêmico o empolamento, o eruditismo à outrance, o proemissivo até dos títulos dos livros os dos poemas. Títulos imadestáveis, desobráveis, cheios de sutilezas inapreciáveis, subtendidos hiperbólicos, retóricos, às vezes trocadilhos, graciosos. Precisamente nisto diverge totalmente o recente livro do sr. Araújo Filho de sua tradição "acadêmica" com um título de uma modestia e duma precisão exemplares. Pois trata-se realmente de "sugestões" poéticas que, si algumas vezes escorregam para o meta-poética simbólica, quasi sempre mantêm um clima de inviolável serenidade e aticismo, que torna seu livro extremamente saudável.

Leitor assíduo de poetas árabes, persas, principalmente de Omar Káyyam, o sr. Araújo Filho nele se contagiou daquele dom de dizer as coisas ao mesmo tempo sintético e indefinido. Seus poemas, concisos na forma, modestos nas imagens, simples no conteúdo, limitados temática e morfologicamente, são de uma grande riqueza sugestiva e conduzem a sensibilidade lírica a um terreno de meditações, que ele sabe impregnar de um clima poético, tornando-o ao mesmo tempo claro e profundo.

A publicação de "Poesias", de Antônio Rangel Bandeira (Ed. "O Cruzeiro", Rio), é um fato de importância considerável, como livro de estréia que é, apresentando um poeta do valor e da força de seu autor. De há muito que o sr. Antônio Rangel Bandeira se impuzera no conceito literário brasileiro, com seus poemas, sem estudo, sem ensaios, reveladores de uma excepcional sensibilidade poética, ao mesmo tempo que de um escritor vigoroso, cujo sentimento lírico do mundo se completa com uma seriedade espiritual das mais louváveis. Seriedade que torna "Poesias" um livro policiado pelo autor, purificado, transformado, revelando uma preocupação e um espírito disciplinado, infelizmente bem raro nos nossos dias. Neste sentido não é demais recordar que a estréia em livro, do sr. Antônio Rangel Bandeira foi retardada de mais de cinco anos, tal a quantidade de reformas, supressões, substituições tem o poeta introduzido no seu livro. E já este

ideal perfeccionista do autor o torna excepcional em um meio onde a poesia e a auto-edificação estão para a obra de arte — uma compensação vulgar — como a sítia para a propagação da espécie: fazendo abortar, tornando inviável o produto, fazendo trancassar a obra. Já não direi prima, mas scabado. Embora tal ideal perfeccionista tenha se limitada, talvez demais às qualidades líricas de sua poesia, com desprezo muito grande pela sua parte formal. Neste sentido é cheia de descuidos e incertezas, a poesia de Antônio Rangel Bandeira, embora esta discedem, como veremos adiante, seja de muito superada — subtelada em um poema — pela sua forte intuição lírica.

O sr. Antônio Rangel Bandeira possui uma grande sensibilidade lírica, o que o conduz ao estado de criação artística. Criação artística que se expressa em poesia, pela scdução que apresenta a palavra como material plástico vetor de lirismo e criador de configurações poéticas. O verso é para o sr. Antônio Rangel Bandeira o seu grande veículo na participação da criação poética, e sua utilização é a faz dentro duma absoluta liberdade formal, visando o ritmo interior, psicológico. Na verdade esta libertação formal do sr. Antônio Rangel Bandeira não resulta de uma facilitação artística, o que seria de todo condenável, mas de uma verdadeira necessidade expressional. Liberdade que não nega uma ordem superior, uma ordem espiritual, funcional, capaz de condicionar numa estruturação hiper-formal representativa, do dinamismo de suas imagens, que não prescindem de uma integração superior, global, provocadora do estado poético. Neste sentido o sr. Antônio Rangel Bandeira traz para a nova poesia brasileira uma contribuição pessoal de inestimável valor. Sua poesia se destaca por este valor dinâmico, totalizador do seu conjunto de imagens e versos, integrados — e não sonados — numa estrutura unitária nova, que é o poema. Bem expressivos são os "Poemas de Janeiro", que formam a primeira parte do livro, do qual escolhemos um ao acaso:

"Endormidos vultos marinhos  
Cavalos comerciais  
Gramáticos portugueses  
Dicionários de Seguer  
E uma veia acêsa na medida do tempo."

Muita influência parece ter sua poesia, do cinema, como meio expressional, mais que de simples representação. Pois sua técnica é sensivelmente cinematográfica, neste continuo mover que imprime ao poema, mesmo quando utilize imagens estáticas, como no caso acima citado. Imagens que embora permaneçam paradas, adquirem um grande poder rítmico pela utilização do movimento de planos que emprega nos poemas. Seus versos portanto se tornam impossíveis de isolar, mas adquirem, com a movimentação do plano — a aquisição da profundidade, da ter-

ceira dimensão — um valor de conjunto. E assim que o poeta atinge um grau de tão grande intensidade poética, ao mesmo tempo que de dramaticidade, utilizando "close-up", focalizações curtas, rítmicas, repetidas, subdeix, neste poema que é indiscutivelmente um dos pontos mais altos da nova poesia brasileira: "Joana morre com sua face"; verifique-se a técnica cinematográfica da apresentação das imagens e do tempo, pela mudança de planos e o ritmo que dele surge, bem como a dependência de cada um dos versos, do conjunto global do poema, pela necessidade de movimento que há neles:

"A face de Joana.  
A lança do guarda.  
A mentira do rei.  
O povo excitado.  
Os bispos rezando.  
A fogueira ardendo.  
Seu corpo queimando.  
Face da herética.  
Ah! Face de Joana!  
Face da reanpa.

Face da perniciosa.  
Face da blasfemadora.  
Face cruel.

A fogueira ardendo,  
Seu corpo queimando,  
Seus pés queimando,  
Suas pernas queimando,  
Seu sexo queimando,  
Seu seio queimando,  
Queimando a face de Joana.

A face de Joana se  
Se dissolve  
Cai em flor

A face de Joana  
Para sempre  
Na lembrança."

Não creio exagerar dizendo que com este poema o sr. Antônio Rangel Bandeira consegue efeitos poéticos e dramáticos com uma intensidade e com uma técnica rivaie de Dreyer no seu filme célebre sobre Joana d'Arc.

A ação, a imagem, a emoção, atingem sua essência pura, atingem uma "visualização" intelectual que torna a palavra capaz de apreender uma velocidade expressional que possibilita o verdadeiro simultaneísmo de Epstein. Velocidade, simultaneísmo, e outros valores que fazem da poesia do sr. Antônio R. Bandeira uma arte a quatro dimensões, com possibilidades musicais; e não fosse o sr. Antônio Rangel Bandeira filho de compositor, e tão integrado nas questões da música moderna.

Rosa Extinta" (Livreria Martins, ed. S. Paulo, 1945), do sr. Domingos Carvalho da Silva, não sendo um livro de estréia, vem, no entanto, revelar ao público um poeta novo, que se limitara a publicar seus poemas anteriores em uma edição reduzida, fora do comércio. E um poeta cujas possibilidades artísticas, e cuja sensibilidade muito aguçada, ao mesmo tempo que muito pessoal, lhe

abrem um grande crédito no futuro de nossa vida literária. "Rosa Extinta", título do livro, é ao mesmo tempo um símbolo poético que o autor retira das palavras de Job que lhe servem de dístico: "Como a flor nasce e murcha, e como a sombra foge e permanece". O símbolo da rosa lhe aparece com uma frequência impressionante em todos os quasi todos os seus poemas, como verdadeira imagem obsessiva. A rosa é o grande leit-motif de sua poesia, pois nela concentra e condensa grandes símbolos de ação lírica: o tempo que passa, a beleza da vida, a ordem da flor, a expressão do perfume, a fragilidade, a morte, o encanto da vida, "gerada no abismo", "gerada no val". A rosa é o seu cosmos poético, onde se encontram todos os caminhos de sua sensibilidade e de sua experiência emotiva. E como a rosa que canta em seus poemas, sua poesia é ordenada, bela, harmoniosa, e cheia de uma profundidade meio cética, meio desiludida, que vê em tudo "sombra que não permanece". Daí ser uma poesia triste até seus últimos limites, mas, ao mesmo tempo fria e ordenada. O poeta nas suas experiências de sofrimento, nos seus encontros com a dor, não se torna um revoltado ou um declarador sarcástico, barúthento, clamante, que torna a dor de sua própria vida um universo que se opõe ao mundo. Sua vida sofrida se transforma numa poesia sofrida, onde a profundidade do sofrimento supera sua expansão. E um sofrimento apolíneo que resulta numa poesia apolínea.

Pois o sr. Domingos Carvalho da Silva é um poeta que domina o estilo de sua poesia — como certamente dominará o de sua vida — com uma impressionante lucidez.

Sua utilização do verso curto, cadenciado, disciplinado, revelam bem o grande artista que é o sr. Domingos da Silva:

"Rosa extinta  
De apagado brilho  
De corola e pétalas:  
Corpo de meu filho

Rosa imponderável  
Que um sópro desfez  
Numa aurora fria  
Do quinto mês  
Do ano de desgraça  
De quarenta e três."

E esta disciplina, esse cadenciamento, sua rima, vê-se que resulta duma verdadeira necessidade expressional, e é de uma espontaneidade, de uma legitimidade enorme. Poucas vezes se verá um exemplo tão esteticamente completo, ao mesmo tempo tão sinceramente sofrido, e de tamanha força lírica como este poema: "A Inútil Busca":

"Do ventre da esposa amada  
Nasce, um dia, Vladimir.  
A luz penetra em seus olhos  
E se transforma em estréla.

Eu envolvo em meu orgulho  
O corpo de Vladimir.

(Continua na 19ª página)

Vista com distinção e com elegância  
comprando o seu vestuário nas



## LOJAS PAULISTA

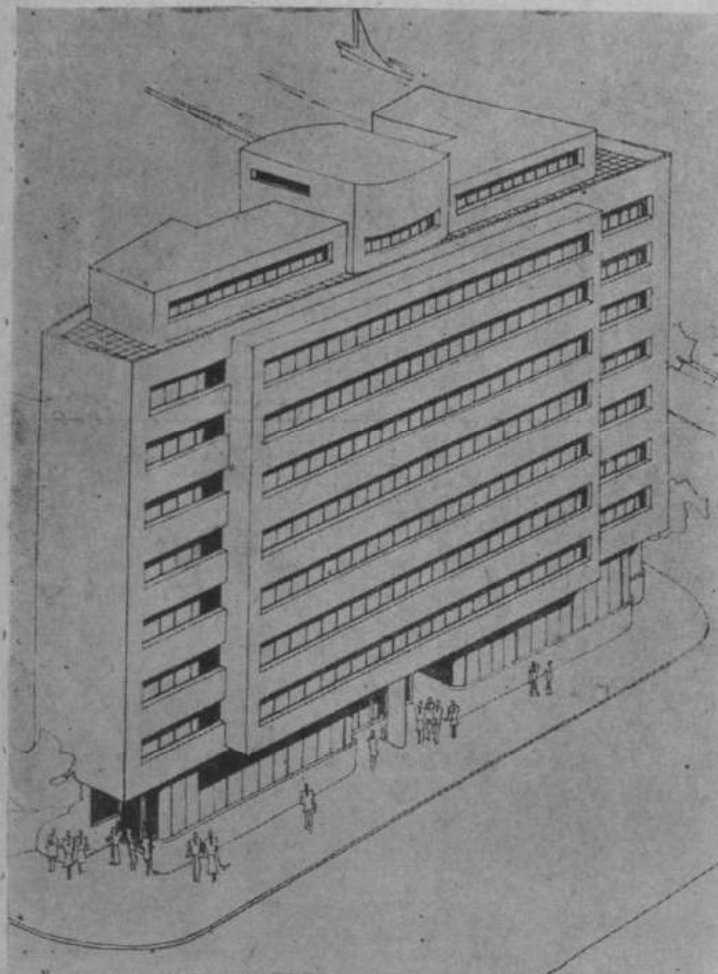
Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamá", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

## LOJAS PAULISTA

Fazendas

\* Rua Nova \* Praça da Independência \* Largo da Encruzilhada \*

# Um Instituto Para Servir O Funcionalismo Da Republica



## O IPASE, sob a presidência do dr. Alcides Vieira Carneiro, ampliará o seu plano de assistência aos servidores da União, estendendo o Serviço Médico Hospitalar para segurados e suas famílias, aos Estados - Movimento de sua Carteira de Empréstimos Comuns e Imobiliários

Assumindo a sua Presidência há alguns meses, o dr. Alcides Vieira Carneiro, com uma visão acentuada dos problemas instantes em que se debatem as coletividades e de modo flagrantemente o funcionalismo civil da União, vem procurando dar ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) uma presença constante na solução das mais prementes necessidades da classe que constitui o vasto quadro de contribuintes da Autarquia.

Criado para servir aos funcionários da União, os benefícios proporcionados pelo Ipase se têm feito sentir em suas várias modalidades, como empréstimos comuns e imobiliários, assistência médico-hospitalar, auxílio pré-natal à gestante segurada ou esposa de segurado, etc. Entretanto, com o propósito de estender, cada vez mais, aos Estados, a ação do Ipase, a sua atual administração ampliará, em convênios com organizações hospitalares locais, a assistência à saúde dos segurados e de suas famílias.

Em Pernambuco, podemos assim resumir as atividades do Ipase, pela sua agência local:

### PREVIDENCIA

Atendeu a seção de Previdência 750 beneficiários, num total de Cr\$ 150.000,00, atingindo no período de janeiro a ju-

nho do corrente ano, a importância de Cr\$ 900.000,00.

### EMPRESTIMOS COMUNS

Entre janeiro e junho deste ano, 394 processos de empréstimos comuns foram espachados, tendo sido fornecido ao funcionalismo Cr\$ 2.896.877,60. Encontram-se inscritos para novas operações durante o segundo semestre, 410 contribuintes lotados em repartições federais da Capital e do interior do Estado.

### OPERACOES IMOBILIARIAS

Durante o primeiro semestre deste ano, o Ipase, pela sua Agência de Pernambuco, já dispendeu Cr\$ 2.732.914,40 com empréstimos para construções ou aquisições de prédios residenciais, sendo que vários outros processos já homologados estão sendo despachados no início do segundo semestre.

### SEGUROS PRIVADOS

Durante o primeiro semestre do corrente ano, a Seção de Seguros Privados da Agência do Ipase neste Estado, apresenta o seguinte movimento:

Apólices emitidas até 30 de junho . . . . . 245  
Capital Segura-

do até 30 de junho . . . . . Cr\$ 7.207.841,60

Sinistros pagos pela Agência do Ipase em Pernambuco

Valor dos referidos sinistros . . . . . Cr\$ 58.166,90

### APLICANDO MAIS DO QUE ARRECADADO EM PERNAMBUCO

Com empréstimos, operações imobiliárias, pensões, aposentadorias e outros benefícios, a Agência de Pernambuco dispendeu entre janeiro e junho de ano em curso, Cr\$ 6.377.968,90, enquanto a sua arrecadação, neste Estado, em igual período, atingiu a Cr\$ 3.213.236,20.

Assim, Cr\$ 3.164.722,70 foram aplicados em Pernambuco pelo Ipase, a mais de sua receita, nos últimos seis meses. Prova o interesse da administração do Instituto em bem servir, na execução de um largo programa assistencial, sem regra geral, o Ipase dispense através das Agências Estaduais, noventa por cento de sua arrecadação, abrindo, entretanto, exceção para este Estado, bem como outros igualmente necessitados em face de seus problemas mais agudos, para atender circunstâncias especiais e necessidades imperiosas.

O IPASE E O RECIFE. — Na rua do Imperador, no bairro de Santo Antônio, desta cidade, será erguido em breve o magnífico edifício cujo projeto se vê acima, o que será destinado à Agência do Ipase neste Estado e a escritórios. Terá ele 3 pavimentos, distribuídos da seguinte maneira: seção de Expediente, área para o público, "hall", duas lojas e Portaria; 2.º pavimento: "hall", 2 "sobre-lojas laterais ao "hall"; 3.º pavimento: seção de cobrança, Gerência, grande sala para funcionários e um salão. 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º pavimentos destinados a escritórios — cada um com 9 salas. No terraço dupla caixa d'água para 30.000 litros.

# O CIVILIZADOR DO TEATRO E DA SOCIOLOGIA

(Continuação da 1.ª pag.)

(Cont. da pag. 3)

A organização monástica que fez, levava em conta as experiências anteriores, as boas e as más lições do passado. Tudo quanto podia ser capricho e fluído de entusiasmo individual, arrojou que não seria sustentado, queda que traria desânimo, podou e iluminou com a sua Regra. Inventou a estabilidade para evitar a vagabundagem e a indisciplina. Inspirou-se na tradicional severidade da família romana mas teve ainda mais vivo, talvez, o sentimento de liberdade que fizeram nos conselhos republicanos a grandeza da Roma antiga. Os abades deviam atender às circunstâncias concretas — tanto as do tempo (e até as vestes podiam ser alteradas) quanto as dos indivíduos (e os temperamentos deviam ser estudados para ser atendidos).

A regra ia ser imutável na medida mesmo em que era flexível. E cada mosteiro não seria a parcela de um todo centralizado e monótono, mas o membro autônomo de uma espécie de Federação.

Uma vez que os monges deviam retirar-se do mundo e a comunidade viver sobre si mesma, S. Bento ensinou e exigiu o trabalho, esse trabalho manual que os romanos desprezavam e de que os

bárbaros fugiam. Trabalhando por necessidade material e por necessidade espiritual, para efetivar integralmente as energias humanas, os beneditinos não cumpriram apenas uma penitência: realizavam o dever piedoso e festivo de colaborar com Deus no desenvolvimento da bela natureza pródiga. Santificaram e alegraram o trabalho. Tornaram a terra magnífica e fizeram o povo orgulhar-se da terra", disse Diarzell, pensando nos monges da Idade Média em derredor de cujas casas crescia aquela gente camponesa que iria justificar o epíteto

Desbravaram, sanearam, fecundaram os campos. E como não era em seu próprio proveito que empregavam o fruto de seu trabalho, distribuíam-no com os pobres; houve quem dissesse por isso que, na Inglaterra, e na Alemanha, a Reforma, desapropriando os mosteiros, foi a mãe do pauperismo nos campos (Hyndman, cit. por G. Goyau).

E o positivista Lafite escreveu que "os mosteiros ofereceram que os primeiros regulamentos morais da propriedade e do trabalho".

Tudo isso, rude esforço destinava-se a encher os intervalos das horas em que o monge cantava: o louvor de Deus associava-se à expressão do sentimento, a fé e a beleza an-

davam juntas. E como, por outro lado, era necessário cultivar o espírito para entender cada vez mais as letras ao prazer e à fama, devotando os mosteiros foram os berços novos da arte e da ciência. Na Irlanda, na Espanha, na Inglaterra ou na França, desempenharam o mesmo papel. "O essencial, numa hora em que tudo perecia, era salvar a noção do trabalho intelectual, conservar o gósto dele. O resto ficava a cargo do tempo e das circunstâncias propícias". E os monges foram esses "humildes e pertinazes operários que, alheios ao prazer e à fama, devotando-se integralmente à sua obra, escultavam a vida e o nome nos alicerces do edifício magestoso que estavam erguendo para o céu. O constante pensamento que os leva a prosseguir na solidão estudada pacientemente a longos, é a glória de Deus, o triunfo do Evangelho e a salvação das almas... Não se trata mais, como nos tempos de Péricles e de Augusto, de uma alegre empanada da forma e da cor, com o sorriso aos lábios e corados de rosas, aspirando com embriaguez os aplausos da multidão... No triplice domínio da siquência, da história e da poesia, são outros os assuntos que prendem os espíritos, outros os acentos que

também verdade nas ciências sociais, com a diferença de que as ciências sociais são infinitamente mais complexas... E é o que nos ensina Seligman na sua "Interpretação Econômica da História", pg. 73, na tradução espanhola do prof. Adolfo Posada.

No processo civilizador do povo brasileiro, estudado por Gilberto Freyre em "Casa Grande & Senzala", "Sobrados e Mucumbis", "Nordeste" e em livro ainda inédito — "Ordem e Progresso", o sociólogo conterráneo adotou, a meu ver, em relação ao homem e ao meio, o que se poderia denominar de posição estratégica do sociólogo, isto é, aprendendo todos os fatos e não se deixando enganar pelos acontecimentos exteriormente exuberantes a fim de não esquecer a importância dos detalhes, das nuances sutis que se encontram

as vozes inspiradas fazem ouvir... Oponde os últimos representantes da arte pagã, fracos na inspiração e pretenciosos no estilo, aos primeiros poetas da sociedade cristã. Comparai, por exemplo, Venâncio Fortunato, eco ainda harmonioso dos últimos cantores da Anúbia, ao autor do Pango língua: que espantosa diferença! De um lado, o vácuo do pensamento procurando em vão ocultar-se sob as ornamentações sempre magestosas da linguagem; de outro, o indivíduo encanto de uma sincera emoção religiosa comunicando-se ao leitor mais forte; e da poesia, são outros os assuntos que prendem os espíritos, outros os acentos que

precisamos nos pequenos fatos chamados pitorescos pelo autor de "Geografia da Fome".

Ao querer subordinar a explicação do processo civilizador brasileiro aos seus conhecimentos de nutricionista profissional, o prof. José de Castro caiu no exagero científico já apontado pelo sr. Adolfo Menzel na sua "Introdução à Sociologia", (edição Fondo de Cultura do México, 1941). Declara Menzel ser a geografia uma ciência auxiliar importante da sociologia, mas que não se pode aceitar a opinião de um geógrafo como E. Huntington "que trata de fazer depender toda a evolução humana do clima", PE, 104).

Desejarei o prof. José de Castro fazer depender toda a História do Brasil da sua ciência da nutrição? E o que parece.

curso e a que ninguém presta atenção; hoje, um grito patético da alma prostrada ante o infinito e apoiada na comunhão dos ouvintes" (Godefredo Kurth).

Desse modo, S. Bento reconheceu tudo aquilo em que a antiguidade revelara a grandeza da alma humana, salvando-o da desorientação de uma hora sombria; santificou-na ao ascese dos seus mosteiros e na elevação do serviço de Deus, dando-lhe os horizontes e os sentidos novos do sobrenaturalismo cristão; e espalhou esse legado para o mundo inteiro. De Sto. Agostinho se disse que incorporou ao cristianismo as concepções platônicas da verdade, beleza, e bondade e a doutrina "prosaica mas sadia" dos estoicos latinos sobre o dever (Schurer); São Bento fez passar tudo isso à vida cotidiana através das disciplinas de uma comunidade que olhava com os mesmos olhos para o trabalho dos campos e o das bibliotecas. A sobriedade dos primeiros romanos, o ambiente social da família, o esforço agrícola fecundando a terra, o estudo aperfeiçoando o espírito, o canto embalsamando a vida, o louvor de Deus colocado à frente de tudo — eis o homem preparado para enfrentar o redemoinho da queda do Império e tirar de tamanha subversão uma civilização nova.





# Gilberto Freyre No Recife

(Continuação da 20 pg.)

ram sua solidariedade, mostra que há ainda, no Brasil, gente generosa e ingênua. Mas, repito, não é idéia para ser tomada a sério. Aliás, ouço dizer que a intenção do escritor Magalhães Junior, já melhor advertido, é procurar preparar o Brasil para concorrer, com um nome realmente grande, àquele prêmio, não no ano próximo, mas no de 1950. E' que ele foi informado do muito que é necessário a um país para fazer junto com outros países e através de organizações culturais serias, a fim de levantar uma candidatura do cobizado prêmio suéco. E é quasi certo que essa candidatura será a de Monteiro Lobato, nome que já vinha sendo lembrado para a insigne honra por vários escritores brasileiros, inclusive pelo meu fraternal amigo José Lins do Régio. E é justo — justissimo. Lobato é, na verdade, um escritor altamente representativo do Brasil e com a qualidade de ser um beltrista, um escritor de ficção e, ao mesmo tempo, um poeta da prosa. E é um intelectual capaz de reunir hoje, em torno de seu nome glorioso de renovador das letras nacionais, a imprensa brasileira quase toda, que, no caso de outros possíveis candidatos, talvez se dividisse lamentavel-

mente, hostil como é grande parte dela através dos seus noticiáristas mais prestigiosos, a escritores ou intelectuais que possam ser considerados pelos marxistas-prestistas de perigosos herejes em questões de esquerdismo politico. O caso de um José Lins do Régio, de uma Raquel de Queiroz, de um Manuel Bandeira ou de um Oswald de Andrade, por exemplo. Quatro nomes dignos do premio mas que não são ortodoxos em seu esquerdismo politico.

E este ponto é importante. A sabotage eficiente que o stalinismo-prestista, hoje senhor do noticiário de alguns dos mais importantes jornais e agências telegráficas, fizesse nos diários, revistas e telegramas a um suposto candidato do Brasil àquele premio literário internacional, poderia colocar em situação ridicula, não tanto o candidato, como o promotor ou os promotores da sua candidatura.

Com a chegada do prof. Odilon Nestor, velho amigo e admirador do mestre da sociologia brasileira, a conversa mudou de rumo. Passou-se a falar de como pagam mal os jornais e revistas brasileiras aos seus colaboradores.

— E quando pagam! Acrescentou o esteta de "Aproximações".

\* \* \* \* \*

# Sôbre Poesia e Alguns Poetas

(Continuação da pg. 17)

No sexo de Vladimir.  
No sangue de Vladimir.  
Quero ser o leite e o ar  
Que alimentam Vladimir.  
Prevejo meus tetranetos  
No sexo de Vladimir.  
A luz do sol permanece  
Nos olhos de Vladimir.  
Mas no quinto mês de vida  
A morte sopra esta flama.

A luz se apaga e a poesia  
Se transmuda em epitáfio."

O maior motivo dramático da vida do poeta, a maior ferida por onde ainda sangra seu coração, se torna também seu maior motivo poético, sem se expandir em impurezas declamatórias, é seu maior poema. E isto é um equilibrio difficilissimo. E este grande poema não é grande somente em "Rosa Extinta". E' grande na poesia nova do Brasil. E é dos maiores, todos o vêem.

...Espalharey por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte."

Lus., I, 2, 7-8



CAMÕES, como todo homem de gênio, tinha a visão do futuro. Por isso cantou os feitos portugueses num poema que se tornou imortal. E "as armas assinaladas" que os lusíadas executaram no século XVI ficaram para sempre gravadas na memória do mundo. Camões precisava de um meio de divulgação para as grandes aventuras dos seus patriotas. E o modo mais fácil, o mais condizente com a época, foi o seu grande poema, — o maior monumento da lingua portuguesa. Hoje, as nações modernas não mais utilizam poemas épicos para a divulgação de suas possibilidades. Dispõem de modernos escritórios de propaganda, sempre aptos a fornecer quaisquer informações a respeito do país que representam. E' que todos



os governos têm noção do valor dessa publicidade.

— Sr. comerciante: sem propaganda, o seu produto, embora de boa qualidade, ficará relegado a segundo plano. Uma inteligente divulgação fa-lo-á conhecido em todos os mercados.

Utilize o CADASTRO COMERCIAL E INDUSTRIAL BRASILEIRO como veículo de propaganda inteligente e bem orientada.

Divulgação da

ORGANIZAÇÃO CACIQUE — Publicidade

Editora do

CADASTRO Comercial e Industrial BRASILEIRO

RUA NOVA, 282, 2.º ANDAR — TELEFONE, 7159 — TELEG.: "CACIQUE"  
RECIFE — PERNAMBUCO

## A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA APRESENTA

EM TÓDAS AS LIVRARIAS DO PAÍS — O NOVO E INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DE

# Gilberto Freyre INTERPRETAÇÃO DO BRASIL

JÁ PUBLICADO COM RUIDOSO ÊXITO NOS ESTADOS UNIDOS E NO MÉXICO. UMA OBRA QUE SE COLOCA AO LADO DE

CASA GRANDE & SENZALA

Um Vol. de 330 págs. da Coleção "Documentos Brasileiros"  
Encadernado: 55,00 — Brochado: 40,00

\*

ATENÇÃO: Se não encontrar no seu livreiro, basta pedi-lo pelo nosso Serviço de Reembolso Postal — Caixa Postal, 4.323 - RIO — que será imediatamente atendido, sem onus algum.

\*

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA  
Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

## SOCIEDADE DE EXPANSÃO COMÉRCIAL DE PERNAMBUCO LTDA.

Distribuidores — Conta Própria — Rep. — Imp. e Exportação

Telegrama: SEPA — Caixa Postal, 23 — Telefone: 9374-9554

Cataventos Wincharges, Material Elétrico,  
Motores ARMSTRONG e STUART a óleo  
e gasolina, Geradores

\*

Ferros da Belgo-Mineira, Cerâmica São Caetano, Tintas e Vernizes GIL, Chapas e Telas perfuradas, Cimento Poty, Produtos Norge, Laboratórios Sharp Dohme e Heclan

\*

Av. Marquês de Olinda, 214  
RECIFE — PERNAMBUCO

# GILBERTO FREYRE *no* RECIFE

A revista NORDESTE, que conta com Gilberto Freyre entre os seus mais ilustres colaboradores, enviou o seu redator-chefe ao solar de Apipucos para ouvir o sociólogo, recém-chegado do Rio, a respeito de alguns boatos que circulavam no Recife sobre os motivos que haviam determinado a sua licença da Câmara, em plena fase de funcionamento daquele poder legislativo.

Gilberto Freyre estava no seu gabinete de trabalho de lapis e caderno nas mãos. No seu chamado retiro de Santo Antônio de Apipucos ele se encontrava tão à vontade como o agricultor na casa-grande de sua fazenda. Depois de uma longa permanência no Rio, quando podia se pensar que desta vez tivesse tomado gosto pela Avenida Rio Branco, o deputado dos estudantes abandona subditos, rapapés, conveniências políticas e vem passar o resto do ano em Pernambuco. Não era, portanto, de estranhar que um gesto desses não provocasse espanto, crítica e admiração. Na entrevista que Gilberto Freyre concedeu a NORDESTE os boatos ficam reduzidos a coisa nenhuma e as suas declarações assumem um valor inestimável como depoimento de um homem que sendo um grande escritor e estando na política, nunca tralou seus compromissos de consciência nem para com a cultura brasileira e nem para com o povo que o elegeu.

As suas declarações começaram quando lhe contei o que ouvira num ônibus, a seu respeito:

"Aquilo é que é um homem. Pediu licença à Câmara, perdendo 9 contos por mês, para poder escrever seus livros. Se fosse outro lá tapando e escrevendo lá no Rio mesmo".

Gilberto Freyre então esclareceu: "Pedi licença à Câmara, valendo-me de um direito que é de todo deputado. Da licença parlamentar não decorre prejuízo para ninguém, a não ser para o próprio deputado a quem seja concedida a licença por ele solicitada. O licenciado é imediatamente substituído pelo 1.º suplente. A representação nada sofre. No caso, meu substituído é um pernambucano que honra Pernambuco: sr. Barros Carvalho.

Quando foi anunciada a concessão da licença que eu solicitara à Câmara, dois boatos começaram a correr a meu respeito. Ambos vieram à tona na imprensa. — Um, que eu "estou desencantado com a política" ou "com o Congresso". Outro, que eu partia para uma viagem fradiqueana à Europa e aos Estados Unidos, voltando a um velho hábito de epicurista intelectual. Creio que sei a origem dos dois boatos ou das duas invenções.

E não preciso dizer que são duas invenções sem fundamento nenhum e, apenas, maliciosas ou intencionais. Em primeiro lugar, eu não podia estar desencantado com a política ou com o Congresso pela simples razão de que nunca me deixei encantar pela política nem seduzir por uma cadeira de deputado na Câmara Federal.

## SOU DEPUTADO COMO QUEM CUMPRE UM DEVER

— E por que, então, está na política?

Gilberto Freyre respondeu imediatamente:

— Estou na política e sou deputado como quem cumpre um dever. Já disse mais ou menos isto a um jornalista do Rio. Mas não faz mal que o repita, noutras palavras, a um jornalista da minha terra.

Quanto ao outro boato, continuou o escritor pernambucano; aqui estou, há dias, no meu velho Recife, trabalhando tanto que não saio de casa, e não a caminho da Europa nem dos Estados Unidos numa doce viagem de recreio ou de brilho.

— E os cursos de sociologia brasileira no estrangeiro?

— É certo que tenho recebido nos últimos anos, convites para ir à França, à Suíça, à Inglaterra e aos Estados Unidos realizar conferências ou dizer cursos universitários. E meus editores americano e inglês muito desejariam minha presença em Nova York e Londres. Mas tenho me sentido obrigado a recusar tais convites. Em 1945, porque estava empenhado numa rude luta contra o estado-fortíssimo. Em 1946, porque participava da Assembléa Constituinte, onde só cheguei tarde por motivos alheios à minha vontade. Mesmo assim, pude concorrer, através de emendas defendidas em plenário e, afinal, aceitas, para limpar a Constituição dos excessos de "nacionalismo profissional" com que se apresentou seu primeiro projeto.

## O TRABALHO SILENCIOSO E FECUNDO DAS COMISSÕES DO CONGRESSO

"Para limpá-los, também, — rublinhou o sociólogo de "Casa Grande & Senzala" — de uma definição da "ordem econômica", que se tivesse sido conservada teria borrado de ridiculo e de sub-jornalismo amarelo o carta de 46. Também tive o gosto de concorrer para a afirmação, na Constituição de 1946, dos senti-

## "Sou deputado como quem cumpre um dever" -- O trabalho silencioso e fecundo das comissões do Congresso -- Onde se fala de Lula Cardoso Ayres -- "ORDEM E PROGRESSO" continuará "CASA GRANDE & SENZALA" -- O Premio Nobel e a candidatura de Monteiro Lobato

mentos de especial estima que prendem o Brasil a Portugal: primeiro passo para a cidadania comum que há de unir, em futuro próximo, brasileiros e portugueses.

Concorri, ainda, ao lado de Hamilton Nogueira, para tornar claro o fato de que a Constituição de 46 repele qualquer privilégio de raça ou de cor em nosso país. E, por ocasião dos fusilamentos de Nuremberg, ergui minha voz de representante da Nação brasileira contra a pena de morte há anos repudiada pela nossa civilização cristã.

Tendo tido a honra de ser indicado para

dos congressistas, como da política e dos políticos. A verdade é que podemos e devemos nos registrar em ver, hoje, na atividade política em nosso país, homens do valor intelectual ou moral de um José Américo de Almeida, de um Milton de Campos, de um Otávio e de um João Mangabeira, de um Plínio Barreto, de um Café Filho, de um José Augusto, de um Virgílio de Melo Franco, de um Raul Pila, de um Osvaldo Aranha, de um Souza Costa, de um Juraci Magalhães, de um Ivo de Aquino, de um Prado Kelly, de um Carlos Lacerda, de um Carlos Prestes — para só mencionar al-

meus trabalhos capazes de acrescentar alguma coisa ao conhecimento da nossa história social e cultural e à metodologia histórico-sociológica. Mas isto é ponto para ser julgado pela crítica competente. O que sei é que INGLESES NO BRASIL representa um aspero esforço e alguma meditação. Será prefaciado por um historiador ilustre — Otávio Tarquínio de Souza.

## "ORDEM E PROGRESSO" CONTINUARÁ "CASA GRANDE & SENZALA"

A conversa bandeou-se para o sucesso recentemente alcançado com o lançamento de seu livro — Interpretação do Brasil — prefaciado e traduzido pelo escritor paraiense Otávio Montenegro. Gilberto Freyre, a propósito dos comentários que tecemos sobre a orientação sociológica de "Casa Grande & Senzala", falou-nos de um outro livro em preparo: ORDEM E PROGRESSO.



O escritor Gilberto Freyre assinando a Constituição Brasileira de 1946, na casa de Tiradentes.

a Comissão de Educação e Cultura da Câmara, tenho aí procurado contribuir para o esclarecimento e a solução de alguns dos nossos problemas mais urgentes de cultura e de ensino: um deles, a ampliação do ensino rural. Outro: a redução da importância do exame oral final em nossas escolas. E é preciso que se saiba fora do Congresso que nas comissões vem se trabalhando ativa e proveitosamente. Em geral, pensa-se cá fora que o Congresso é só palavrório inútil, só falatório demagógico, só discussões às vezes tumultuosas, em plenário — as discussões em que quasi sempre brilham aqueles talentos apenas teatrais que raramente são também deputados verdadeiramente úteis ao país. É preciso alguém acompanhar de perto o trabalho de uma comissão como a de Educação e Cultura ou como a de Finanças, da Câmara ou do Senado Federal, para citar apenas duas das mais ativas — para ter idéias do muito que se realiza, num parlamento moderno, através de comissões que o público quasi não conhece, porque a atividade ou o esforço dessas comissões não é das que melhor se prestam a noticiário sensacionalista ou aos comentários pitorescos da imprensa, do rádio ou dos telegramas para os Estados. Infelizmente é por esse noticiário e por esses comentários que a gente mais leviana julga congresso ou congressista — e conclue que é tudo uma palhaçada inútil. Lembremo-nos de que há elementos interessados nisto: em desmoralizar a democracia política do Brasil. Em criar ambiente para os governos autoritários de direita ou de esquerda. De modo que os bons brasileiros devem estar atentos contra as tentativas de desmoralização tanto do Congresso e

guns. Raras vezes, na história do nosso país, mesmo nos "grandes dias do Império", terão se defrontado em lutas políticas ou em debates parlamentares tão numerosas homens eminentes que prestariam, em vez de desprestigar o nome de "políticos" e a condição ou a atividade política entre nós".

## ONDE SE FALA DE LULA — O AMIGO DO TRABALHO DIFÍCIL E HONESTO

\* Nesta altura da palestra, Gilberto Freyre fez uma pausa nos seus comentários políticos e nos disse sorrindo:

— Basta, porém, sobre política. Reafirmo que vim a Pernambuco concluir ou procurar concluir, durante a licença que a Câmara me concedeu, trabalhos intelectuais de urgência. Em primeiro lugar o preparo da nova edição, em dois volumes, de SOBRADOS E MUCAMBOS, para a coleção "Documentos Brasileiros". Venho acrescentando muita coisa ao texto. E também muita nota. A apresentação do material será no mesmo estilo que o de CASA GRANDE & SENZALA na sua 5ª edição em português. As ilustrações serão de Lula Cardoso Ayres, que vem se dedicando ultimamente a esse trabalho. Nelas, Lula se afirma mais uma vez o artista consciencioso que é, inimigo das improvisações fáceis e amigo do trabalho difícil e honesto, através do qual vem realizando uma verdadeira renovação da pintura entre nós".

Informados de que já estava com outro livro pronto, arriscamos a pergunta. O mestre respondeu:

— Acabo de entregar ao editor o livro INGLESES NO BRASIL. Considero-o um dos

"Também espero ter pronto até Março do ano próximo esse estudo, continuação do iniciado com CASA GRANDE & SENZALA e continuado com SOBRADOS E MUCAMBOS.

ORDEM E PROGRESSO será uma tentativa de estudo e interpretação sociológica e psicológica da transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil. Finto esse trabalho, pretendo escrever o estudo sobre os fatores ecológicos, de meio físico, social e de cultura que vem condicionando o desenvolvimento da literatura no Brasil. Será um dos volumes para a história da literatura brasileira a ser escrita por vários especialistas, numa obra de conjunto planejada e organizada pelo notável crítico literário que é o nosso contemporâneo Alvaro Lins.

Devo ainda mencionar o fato de que José Olympio dará breve, em folhetos, meus recentes trabalhos "O camarada Whitman" e "Centenário de Joaquim Nabuco", este um discurso na Câmara lembrando um "premio Joaquim Nabuco" de 50 mil cruzeiros para o ano de 1949.

## O PREMIO NOBEL E MONTEIRO LOBATO

— E a campanha que se está fazendo em torno de seu nome para o Premio Nobel?

— "Como iniciativa brasileira — respondeu-nos Gilberto Freyre — isso de Premio Nobel de Literatura para o meu nome, que nem sequer sou poeta ou romancista, é uma iberia que não deve, de modo nenhum, ser tomada a sério. Idéia de um distinto escritor, o sr. Raymond Magalhães Junior, a que alguns outros escritores igualmente gentis de-

(Continua na pg. 19)